



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA
DIRETORIA DE ENSINO SUPERIOR
UNIDADE ACADÊMICA DE GESTÃO E NEGÓCIOS
CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**

GABRIEL RYAN ARAÚJO SILVA

**O DESPERTAR DA MENTE FINANCEIRA: UM ESTUDO SOBRE A
INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DAS FINANÇAS
COMPORTAMENTAIS NOS HÁBITOS E DECISÕES DE JOVENS**

**JOÃO PESSOA
2025**

GABRIEL RYAN ARAÚJO SILVA

**O DESPERTAR DA MENTE FINANCEIRA: UM ESTUDO SOBRE A
INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DAS FINANÇAS
COMPORTAMENTAIS NOS HÁBITOS E DECISÕES DE JOVENS**



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), curso Superior de Bacharelado em Administração, como requisito institucional para a obtenção do Grau de Bacharel(a) em **ADMINISTRAÇÃO**.

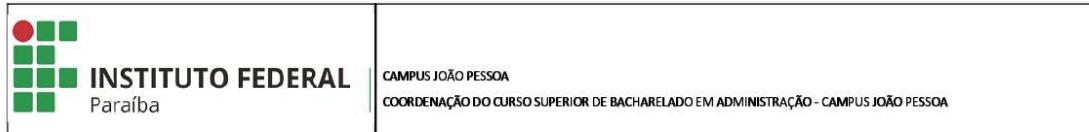
Orientador(a): Prof^a Dr^a Rebeca Cordeiro da Cunha Araújo

**JOÃO PESSOA
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus João Pessoa*

S586d	<p>Silva, Gabriel Ryan Araújo. O despertar da mente financeira : um estudo sobre a influência da educação financeira e das finanças comportamentais nos hábitos e decisões de jovens / Gabriel Ryan Araújo Silva. – 2025. 84 f.</p> <p>TCC (Graduação – Bacharelado em Administração) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Unidade Acadêmica de Gestão - UAG. Orientadora: Profª Drª Rebeca Cordeiro da Cunha Araújo.</p> <p>1. Comportamento financeiro. 2. Educação financeira. 3. Finanças comportamentais. 4. Jovens. 5. Vieses cognitivos. I. Título.</p>
	CDU 64.031

Bibliotecário responsável Marx da Silva Medeiros – CRB15/470



AVALIAÇÃO 29/2026 - CCSBA/UAS/UA/DDE/DG/JP/REITORIA/IFPB

Em 29 de janeiro de 2026.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Gabriel Ryan Araújo Silva

Matrícula 20221460036

O DESPERTAR DA MENTE FINANCEIRA: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DAS FINANÇAS COMPORTAMENTAIS NOS HÁBITOS E DECISÕES DE JOVENS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO apresentado em 28/01/2026, às 19:00, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Curso Superior de Bacharelado em Administração, como requisito institucional para a obtenção do Grau de Bacharel(a) em **ADMINISTRAÇÃO**.

Resultado: APROVADO

João Pessoa, 28 de janeiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

(assinaturas eletrônicas via SUAP)

Rebeca Cordeiro da Cunha Araújo (IFPB)

Orientador(a)

Odilon Saturnino Silva Neto (IFPB)

Examinador(a) interno(a)

Glaucio Barbosa de Araújo (IFPB)

Examinador(a) interno(a)

Documento assinado eletronicamente e por:

- **Rebeca Cordeiro da Cunha Araújo, PROFESSOR ENS BÁSICO TECN TECNOLÓGICO**, em 29/01/2026 09:07:57.
- **Odilon Saturnino Silva Neto, PROFESSOR ENS BÁSICO TECN TECNOLÓGICO**, em 29/01/2026 09:13:15.
- **Glauco Barbosa de Araújo, PROFESSOR ENS BÁSICO TECN TECNOLÓGICO**, em 29/01/2026 20:13:41.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 28/01/2026. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código: 825403
Verificador: e722f6f30e
Código de Autenticação:



NOSSA MISSÃO: Ofertar a educação profissional, tecnológica e humanística em todos os seus níveis e modalidades por meio do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, na perspectiva de contribuir na formação de cidadãos para atuarem no mundo do trabalho e na construção de uma sociedade inclusiva, justa, sustentável e democrática.

VALORES E PRINCÍPIOS: Ética, Desenvolvimento Humano, Inovação, Qualidade e Excelência, Transparência, Respeito, Compromisso Social e Ambiental.

À minha família que sempre me apoiou e me incentivou a nunca desistir, me inspirou a alcançar meus objetivos e seguir meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, venho aqui agradecer à Deus por me dar forças para continuar na jornada acadêmica até o final, por guiar cada passo e tomada de decisão dentro do curso que me fizeram chegar e conquistar tudo que até o momento realizei, por escrever minha história a partir do curso de bacharelado em administração e me tornar o profissional competente que sou.

Segundamente, agradeço à minha família que sempre me incentivou a crescer através dos estudos, que me aconselhou e orientou para ser o homem que sou, que foram espelho de dedicação, força e persistência.

Agradeço também aos meus amigos, que foram essenciais na minha rotina acadêmica, alegrando e motivando dia após dia a realizarmos nossos objetivos e metas sempre um apoiando o outro.

Agradeço aos meus professores, cada um teve um fragmento de influência na minha caminhada acadêmica, me ensinaram, orientaram e inspiraram a buscar o topo e conquistar através do esforço os meus objetivos e metas.

Por fim, venho agradecer aos meus mentores em cada estágio o qual vivi administração, todos contribuíram significativamente na formação e aprimoramento de competências profissionais que desenvolvi ao longo desta jornada.

À todos, muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho surge com a finalidade de estudar a educação financeira e as finanças comportamentais na vida de jovens. Por meio da análise da interação desse público com disciplinas, informações e conteúdos voltados à educação financeira, bem como de seus comportamentos diante de diferentes situações cotidianas, foi possível identificar não apenas o nível de contato dos jovens com conceitos financeiros, mas também reconhecer padrões comportamentais presentes na amostra investigada. Assim, em busca de informações consistentes, a pesquisa adotou como objetivo geral analisar de que forma a educação financeira e os aspectos comportamentais influenciam hábitos financeiros e a tomada de decisão de jovens no gerenciamento de suas finanças pessoais e investimentos. Para atingir esse propósito e responder adequadamente à questão-problema, o estudo utilizou uma metodologia caracterizada como pesquisa de campo, com abordagem quali-quantitativa e natureza exploratória. O instrumento de coleta de dados empregado foi um questionário composto por 17 questões, elaborado para examinar o contato dos jovens com a educação financeira e identificar os principais vieses cognitivos que orientam seus comportamentos. Para garantir maior precisão na análise, utilizou-se estatística descritiva e distribuição de frequência, o que permitiu refinar os resultados e eliminar respostas pouco eficazes para os fins da pesquisa. Os resultados demonstraram que a educação financeira e os aspectos comportamentais influenciam de maneira direta e significativa a conduta financeira e as decisões tomadas pelos jovens. A interação entre conhecimento técnico e compreensão dos próprios comportamentos torna o indivíduo mais preparado para enfrentar desafios financeiros cotidianos, reduzindo atitudes impulsivas e favorecendo decisões baseadas na racionalidade. Evidenciou-se, portanto, que a formação financeira aliada ao autoconhecimento é determinante para o fortalecimento da autonomia econômica dos jovens. Assim, reforça-se a importância de que conteúdos de educação financeira e comportamento financeiro sejam implementados de modo efetivo nos ambientes educacionais, contribuindo para uma formação mais completa e capaz de promover escolhas conscientes, sustentáveis e alinhadas às exigências do contexto financeiro atual.

Palavras-chave: Comportamento financeiro. Educação financeira. Finanças comportamentais. Jovens. Vieses cognitivos.

ABSTRACT

This work arises with the purpose of studying financial education and behavioral finance in the lives of young people. Through the analysis of this audience's interaction with disciplines, information, and content aimed at financial education, as well as their behaviors in different everyday situations, it was possible to identify not only the level of young people's contact with financial concepts but also to recognize behavioral patterns present in the sample investigated. Thus, in search of consistent information, the research set as its general objective to analyze how financial education and behavioral aspects influence the financial habits and decision-making of young people in managing their personal finances and investments. To achieve this purpose and adequately answer the research question, the study employed an effective methodology, characterized as field research, with a qualitative-quantitative approach and exploratory nature. The data collection instrument used was a questionnaire consisting of 17 questions, designed to examine young people's contact with financial education and identify the main cognitive biases that guide their behavior. To ensure greater accuracy in the analysis, descriptive statistics and frequency distribution were used, which allowed for refining the results and eliminating responses that were less effective for the purposes of the research. The results showed that financial education and behavioral aspects directly and significantly influence young people's financial conduct and the decisions they make. The interaction between technical knowledge and understanding of one's own behavior makes an individual better prepared to face everyday financial challenges, reducing impulsive actions and promoting decisions based on rationality. It was therefore evidenced that financial education combined with self-knowledge is crucial for strengthening the economic autonomy of young people. Thus, it reinforces the importance of implementing financial education and financial behavior content effectively in educational settings, contributing to a more complete education capable of promoting conscious, sustainable choices aligned with the demands of the current financial context.

Keywords: Financial behavior. Financial education. Behavioral finance. Young people. Cognitive biases.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Faixa etária dos participantes.....	40
TABELA 2: Gênero sexual dos participantes.....	41
TABELA 3: Estado civil dos participantes.....	41
TABELA 4: Nível de escolaridade dos participantes.....	42
TABELA 5: Renda familiar mensal dos participantes.....	43
TABELA 6: Renda pessoal mensal dos participantes.....	44
TABELA 7: Jovens e o acesso à educação.....	45
TABELA 8: Onde adquiriu informações/conteúdo sobre educação financeira.....	46
TABELA 9: De 1 a 10: relação dos jovens com educação financeira.....	47
TABELA 10: Resposta comportamental ao saldo remanescente.....	51
TABELA 11: Comportamento frente a imprevistos financeiros.....	52
TABELA 12: Reação frente a oportunidades de investimento desconhecidas.....	53
TABELA 13: Atitude diante de gastos em excesso.....	54
TABELA 14: Ações diante da volatilidade do mercado de capitais.....	55
TABELA 15: Comportamento frente a metas financeiros não alcançadas.....	56
TABELA 16: Experiência financeira diante de perdas no mercado de capitais.....	57
TABELA 17: De 1 a 10: relação da educação financeira e finanças comportamentais nas finanças dos jovens.....	59
TABELA 18: Acesso a educação financeira (jovens x adultos).....	63
TABELA 19: Ações comportamentais diante da gestão financeira (jovens x adultos).....	64
TABELA 20: Ações comportamentais diante do mercado de capitais (jovens x adultos).....	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANBIMA:	Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais
BACEN:	Banco Central do Brasil
BNCC:	Base Nacional Comum Curricular
EG.V:	Escola Virtual do Governo
ENEF:	Estratégia Nacional de Educação Financeira
IFPB:	Instituto Federal da Paraíba
OCDE:	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
TUE:	Teoria da Utilidade Esperada
UFPB:	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 OBJETIVOS.....	16
1.1.1 Objetivo Geral.....	16
1.1.2 Objetivos Específicos.....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 EDUC(AÇÃO): A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FORMAÇÃO DE HÁBITOS FINANCEIROS NA VIDA DE JOVENS.....	17
2.1.1 ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira.....	20
2.1.2 EV.G - Escola Virtual do Governo.....	21
2.1.3 Cidadania Financeira - Banco Central do Brasil (BACEN).....	22
2.2 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE DECISÃO.....	23
2.2.1 Teoria da Utilidade Esperada e a Teoria da Perspectiva: um estudo sobre finanças comportamentais.....	24
2.2.2 Entre razão e emoção: a geração Z de investidores.....	27
2.2.2.1 Aversão à perda.....	27
2.2.2.2 Excesso de confiança.....	28
2.2.2.3 Efeito manada.....	29
2.2.2.4 Heurística e Ancoragem.....	30
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	32
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	32
3.2 UNIVERSO, AMOSTRAGEM E AMOSTRA.....	33
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	34
3.4 PERSPECTIVA DE ANÁLISE DE DADOS.....	36
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	38
4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	38
4.2 OS JOVENS E SUA INTERAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	44
4.3 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE	

DECISÃO FINANCEIRA DE JOVENS.....	49
4.4 INTERAÇÃO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DOS ASPECTOS COMPORTAMENTAIS NA GESTÃO FINANCEIRA DOS JOVENS.....	58
4.5 COMPARATIVO ENTRE JOVENS E ADULTOS: EDUCAÇÃO FINANCEIRA E FINANÇAS COMPORTAMENTAIS.....	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICE - Instrumento de Coleta de Dados (Questionário).....	80

1 INTRODUÇÃO

Em um cenário cada vez mais marcado pela instabilidade econômica, consumo exagerado e acesso facilitado ao crédito, a capacidade de lidar conscientemente com a organização e planejamento das finanças pessoais torna-se uma habilidade essencial, principalmente, quando se é jovem. Segundo Rodrigues, C. R. Freitas e C. L. Freitas (2024, p.4):

Sendo assim, as rápidas e constantes mudanças decorrentes do mercado e da economia acabam obrigando a população a desenvolver uma nova postura de gerenciamento financeiro. Em vista disso, a educação financeira desenvolve habilidades que facilitam a tomada de decisões acertadas e uma boa gestão das suas próprias finanças pessoais. Rodrigues, C. R. Freitas e C. L. Freitas (2024, p. 4).

Assim, a educação financeira nesse contexto, surge como uma ferramenta estratégica eficaz para a construção de uma relação mais equilibrada com o controle financeiro do indivíduo, permitindo o desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis desde as primeiras experiências com o consumo e a gestão de recursos.

No entanto, o comportamento financeiro dos indivíduos não é guiado apenas por conhecimentos técnicos ou pela racionalidade de conteúdo financeiro. As finanças comportamentais, campo que integra fundamentos da psicologia à teoria econômica, demonstram fatores emocionais, sociais e cognitivos que exercem significativa influência sobre as decisões financeiras. De acordo com Oliveira (J.P.S.,2024), as finanças comportamentais analisam a influência de aspectos psicológicos e emocionais sobre o processo de tomada de decisões financeiras. Mediante disso, compreender como os jovens tomam decisões relacionadas ao dinheiro, bem como identificar os principais vieses e padrões de comportamento que os afetam, é fundamental para propor estratégias eficazes que desenvolvam novas orientações e conhecimentos nesse campo.

Assim, neste trabalho, busca-se analisar e compreender a relação dos jovens com a organização de suas finanças e o desenvolvimento de hábitos sob a ótica da educação financeira e das finanças comportamentais.

Logo, é essencial relevar a justificativa que evidencia este estudo, apresentando sua intenção de contribuição social, profissional e acadêmica.

A origem deste estudo justifica-se pela percepção da carência de conhecimento e práticas relacionadas à educação financeira entre os jovens do círculo de convivência pessoal, bem como, os comportamentos financeiros apresentados pelos mesmos, no qual, faz-se necessário compreender o que os levam a desenvolver tais hábitos financeiros. Devido à pouca experiência, é evidente as dificuldades que os jovens enfrentam ao lidar com o

dinheiro, planejar seus gastos, poupar e tomar decisões conscientes sobre o uso de seus recursos, o que reforça a importância de promover um conteúdo voltado ao desenvolvimento da educação financeira desde cedo.

Como futuro administrador, reconhece-se a importância de contribuir para a formação de uma geração mais preparada para enfrentar os desafios econômicos do cotidiano. Este estudo busca, portanto, impactar jovens na construção de hábitos saudáveis relacionados ao uso do dinheiro, ampliando sua consciência financeira e incentivando o desenvolvimento de competências como o planejamento, o controle financeiro e o consumo responsável. Ao compreender os fatores que influenciam seus comportamentos financeiros, os jovens poderão trilhar caminhos mais sustentáveis rumo à autonomia e estabilidade financeira.

Para a área de Administração, a pesquisa é relevante ao propor reflexões sobre a necessidade de atualização da matriz curricular dos cursos de graduação, de forma a incluir de maneira mais efetiva disciplinas que abordem a educação financeira comportamental. A inclusão deste tipo de conteúdo contribui para a formação de profissionais mais preparados, não apenas para gerir finanças organizacionais, mas também para atuar como agentes transformadores da realidade social, promovendo a cidadania financeira.

Já para a sociedade, este estudo representa um passo importante na disseminação de conceitos fundamentais sobre educação financeira, possibilitando uma compreensão mais ampla das atitudes e decisões que envolvem o dinheiro. Ao fomentar o desenvolvimento do pensamento crítico em relação ao consumo e às finanças pessoais, a pesquisa contribui para a formação de uma sociedade mais consciente, responsável e capaz de tomar decisões financeiras mais equilibradas e sustentáveis.

Diante dessa realidade, marcada pela carência de conhecimento financeiro e pela adoção de comportamentos que comprometem a estabilidade econômica dos jovens, este estudo propõe-se a responder à seguinte questão: Como a educação financeira e os aspectos comportamentais influenciam a conduta financeira e a tomada de decisão de jovens na gestão de suas finanças pessoais e investimentos?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar de que forma a educação financeira e os aspectos comportamentais influenciam hábitos financeiros e a tomada de decisão de jovens no gerenciamento de suas finanças pessoais e investimentos.

1.1.2 Objetivos Específicos

1. Investigar o perfil sociodemográfico e sua relação com a gestão das finanças pessoais dos respondentes;
2. Estudar a conduta financeira dos jovens com base na perspectiva teórica das finanças comportamentais;
3. Identificar os principais vieses cognitivos que influenciam a tomada de decisão dos jovens e adultos na organização de suas finanças e investimentos;
4. Relacionar a interação da educação financeira com a gestão e o comportamento financeiro dos respondentes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A estruturação da fundamentação teórica descrita abaixo tem por finalidade apresentar aos leitores um conteúdo pragmático e enriquecedor, no qual, aborda conceitos e estudos que sustentam a análise deste trabalho acerca do comportamento dos jovens no cenário financeiro. Mediante pesquisas bibliográficas, com avaliação de artigos científicos, trabalhos acadêmicos, livros e demais documentos institucionais, busca-se compreender acerca da influência da educação financeira na forma como os jovens administram e planejam suas finanças, bem como, tomam decisões no mercado de capitais.

Esta seção serve como base para as análises desenvolvidas no decorrer deste trabalho, no qual, permite uma abordagem que integra a teoria com a prática, no qual, é desenvolvida através da participação de jovens diretamente nesta pesquisa. Inicialmente, discorre-se acerca da educação financeira e a sua importância na construção de hábitos de controle e planejamento financeiro, em que, é destacado o ENEF promovido pelo governo federal do Brasil e o programa Cidadania Financeira do Banco Central do Brasil, além da Escola Virtual do Governo, iniciativas que visam orientar os cidadãos na organização e estruturação de suas finanças, e que são essenciais para que jovens usufruam de tais conteúdos para melhorar seus hábitos financeiros. Em seguida, é apresentado acerca do campo das finanças comportamentais, no qual, destacam-se conceitos e estudos básicos, bem como, base teórica de duas importantes contribuições, sendo estas, a Teoria da Utilidade Esperada e a Teoria da Perspectiva, além de alguns dos principais vieses cognitivos que influenciam no desempenho de jovens em relação ao controle de suas finanças.

Com isso, pretende-se oferecer uma base teórica consistente para a compreensão do comportamento financeiro de jovens frente aos desafios e oportunidades da vida e do mercado.

2.1 EDUC(AÇÃO): A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FORMAÇÃO DE HÁBITOS FINANCEIROS NA VIDA DE JOVENS

A educação financeira é de suma importância na construção de hábitos que direcionam o indivíduo para o alcance da saúde de suas finanças. A partir dela, é possível encontrar o caminho que norteia para liberdade financeira, visto que, os fundamentos necessários para a construção de ações voltadas à sustentabilidade financeira começam a ser desenvolvidos a

partir do momento em que se adquire o mínimo de conhecimento acerca dos seus conceitos e metodologias. Segundo Silva *et al.* (2018, p. 217), a educação financeira “corresponde ao conhecimento sobre como controlar, planejar e organizar as finanças”, ou seja, é a área que capacita o indivíduo para o controle da sua situação financeira, e posteriormente, a organização da sua vida pessoal.

Acerca do conceito de educação financeira, segundo o BACEN (2022):

É o processo mediante o qual consumidores e investidores financeiros melhoram a sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros e, por meio de informação, instrução ou aconselhamento objetivo, desenvolvem as habilidades e a confiança necessárias para se tornarem mais cientes dos riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas baseadas em informação, saber onde procurar ajuda e realizar outras ações efetivas que melhorem o seu bem-estar financeiro. (BACEN, 2022).

A partir deste conceito, é perceptível que a educação financeira vai além de um conteúdo acerca de economizar dinheiro, mas é a promoção de um estudo apresentável de como conquistar autonomia financeira com responsabilidade frente aos desafios econômicos do cotidiano. Segundo Ferreira (2017, p. 3), a educação financeira também “se trata de conhecimentos e competências que te ajudam fazer escolhas inteligentes relacionadas a dinheiro, transações financeiras e consumo, o que te fazem adquirir certo bem-estar e tranquilidade na vida”. Assim, ao desenvolver estas competências voltadas ao planejamento, controle e análise de riscos, o indivíduo torna-se apto para tomar decisões que o guiem para suas realizações. Essa construção de conhecimento e hábitos deveriam ser ensinadas desde o início da juventude, em prol de moldar o jovem a um futuro financeiro assertivo.

Na juventude, ter educação financeira é primordial para formação de jovens com responsabilidade financeira, principalmente, no que diz respeito ao ensino desse estudo na educação básica, no qual, segundo Nunes e Monteiro (2025, p.4), “introduzir a educação financeira no ensino básico é de extrema importância, pois a falta de instrução financeira faz com que as pessoas tomem decisões precipitadas sobre o dinheiro, causando o endividamento”. Para os jovens, lidar com o controle e organização das finanças é algo complicado, visto que, estão na transição da fase de “imaturidade” para a fase “responsável pelo próprio futuro”, com isso, tornando-se influenciáveis por fatores que os tornam mais consumidores do que investidores. Levando em consideração apenas essa linha de raciocínio, a educação financeira deveria ser implementada na grade curricular das escolas nacionais de forma eficaz, não em prol de diminuir o consumo, pois tal ação prejudicaria a economia, mas, visando que o indivíduo consuma de forma consciente, diminuindo assim, o risco de inadimplência em relação às suas despesas.

Contudo, mesmo com políticas públicas voltadas ao ensino de conteúdo sobre educação financeira, como por exemplo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), de acordo com Nunes e Monteiro (2025, p. 5), “os professores não estão preparados para ensinar educação financeira [...] é preciso capacitar os professores para que a educação financeira seja trabalhada em sala de aula, é essencial que os alunos se amoldem com o tema da educação financeira desde de pequenos”. Ou seja, antes de qualquer ação é necessário preparar quem ensina, pois é a partir do mesmo que a geração Z — pessoas nascidas entre 1995 e 2010, com ampla conexão e conhecimento digital — torna-se capaz de controlar suas finanças pessoais mediante aprendizado que é passado adiante em conversas com familiares e amigos.

Considerando a ainda ineficiência por parte da educação financeira na vida de jovens oferecida nas escolas, ao longo dos últimos anos, com o surgimento de ferramentas digitais como o *YouTube* e o *Instagram*, a geração Z tem desenvolvido a auto-capacidade de estudar finanças mediante mentores que divulgam conteúdo voltado para organização, planejamento e controle financeiro, assim, independentemente, os jovens tem-se antenado cada vez mais ao que é educação financeira e como ela os guia para a liberdade. De acordo com informações do site da ANBIMA (2025), os jovens que compõem a geração Z, no ano anterior, utilizaram como principais canais de estudos acerca do mercado financeiro, o *YouTube* e o *Instagram*, ambos com preferência de uso pelos jovens com cerca de 57% e 49%, respectivamente. Essa alternativa digital é essencial para a capacitação de jovens no gerenciamento de suas próprias finanças, além disso, permite que a geração consiga a partir do contato com a educação financeira, a criar hábitos financeiros que os permitem poupar e investir, visto que, é necessário pensar no agora, porém sem esquecer do amanhã.

Segundo Bona (2021, p.24), “o ato de cuidar de suas finanças pode desencadear uma série de hábitos positivos, como a disciplina, o autocontrole, a tomada serena de decisões e a filantropia”, mediante isso, a educação financeira atrelada ao conhecimento adquirido pelos jovens resulta em hábitos que contribuem na capacidade de não apenas controlar o cunho financeiro, mas também, de autocontrole emocional, bem como, a capacidade de dar-se bem com outras pessoas. Esses hábitos são essenciais para que os recursos financeiros sejam geridos de forma otimizada, no qual, de acordo com Clear (2019, p.16), “da mesma forma que o dinheiro se multiplica com juros compostos, os efeitos de seus hábitos se multiplicam à medida que você os repete”, ou seja, a partir da frequência e experiência, o resultado dos hábitos financeiros é multiplicado proporcionalmente mediante seu esforço, no qual, resulta

em benefícios que contribuem com o planejamento de suas finanças a curto, médio e longo prazo.

Diante da relevância apresentada acerca da educação financeira como ferramenta de transformação pessoal e social, é necessário apresentar iniciativas concretas que visam aproximar a população ao mundo de finanças, e que para os jovens pode ser o marco da iniciativa pessoal no processo de orientação acerca do planejamento, controle e estratégias financeiras. Nesse contexto, destacam-se programas e projetos voltados ao ensino de finanças, que assumem papel fundamental na formação de hábitos mais conscientes e sustentáveis no gerenciamento do dinheiro.

2.1.1 ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira

A Estratégia Nacional de Educação Financeira, ou simplesmente ENEF, é uma política pública desenvolvida pelo Governo Federal do Brasil em prol de promover a educação sobre finanças aos cidadãos brasileiros, e assim, garantir que pessoas compreendam como organizar, planejar e controlar suas finanças pessoais, bem como, desenvolver competências relacionadas à temas previdenciários, securitários, fiscais e tributários.

O surgimento desta política pública deu-se mediante o Decreto Federal 7.397/2010, e foi renovada recentemente através do Decreto Federal nº 10.393, de 9 de junho de 2020, no qual, sua principal finalidade está atrelada com a promoção da educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal no país (Brasil, 2020).

A ENEF torna-se visível mediante atuação nas escolas, através da adoção de conteúdos em matriz curricular que ensinam crianças, jovens e adultos a compreender temas como juros e descontos, influenciando em aprimoramento de conhecimento básico em educação financeira. Porém, sua principal divulgação é através da Semana Nacional de Educação Financeira (Semana ENEF), no qual, a iniciativa reúne esforços de instituições públicas, privadas e do meio educacional, buscando disseminar conhecimentos e incentivar práticas e comportamentos que favoreçam o desenvolvimento de uma base sólida para a tomada de decisões financeiras conscientes entre os brasileiros desde a infância (Anatel, 2023). Durante essa semana, o governo junto com outros órgãos parceiros, divulgam cursos, oficinas e outras ações que promovem a educação financeira como base para jovens e adultos, em que, a participação é gratuita e os interessados conseguem acompanhar toda a programação através do portal gov.br.

Desse modo, a ENEF se configura como uma iniciativa de grande relevância para a ampliação da educação financeira no Brasil, principalmente entre os jovens, ao proporcionar oportunidades de aprendizado acerca de finanças pessoais. Contudo, observa-se que o programa ainda enfrenta desafios de alcance e reconhecimento público, sendo pouco citado entre a população, apesar de sua natureza governamental. É válido destacar que a formulação da ENEF está alinhada às recomendações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), conforme aponta relatório do Banco Central do Brasil (BACEN), demonstrando sua base em práticas internacionais de referência.

2.1.2 EV.G - Escola Virtual do Governo

A educação financeira na vida da população brasileira, como identificado anteriormente, ainda é ineficaz e ineficiente, visto que, ainda existem indivíduos que não possuem o básico acerca da temática. Isso é observado dia após dia com famílias endividadas, cidadãos que não compreendem assuntos atrelados à inflação e juros, bem como, um sistema educacional voltado para o ensino sobre finanças ainda engessado com conteúdos mal distribuídos e desatualizados, influenciando, assim, numa má organização das finanças pessoais, e, com isso, no acúmulo de contas, o que resulta em pessoas que acabam não tendo recursos para investimentos, já que, estão buscando a sobrevivência por conta da limitação de capital sob o pagamento de suas dívidas. Mesmo com essa ineficácia na educação acerca de organização e planejamento financeiro, ainda é possível encontrar ações governamentais que buscam apresentar conteúdo que seja base de conhecimento para a população.

Com isso, a EG.V (Escola Virtual do Governo), surge como alternativa governamental não apenas para cursos voltados para áreas que capacitem indivíduos na formação de conhecimento para à área da administração pública, mas também, é alternativa para que indivíduos, principalmente, os jovens que possuem facilidade com tecnologia, adquiram a capacidade de aprender e desenvolver competências alinhadas à estratégias de organização financeira. De acordo com Liz (2024), “este portal de cursos gratuitos não apenas democratiza o acesso à educação de qualidade, mas também fortalece as competências de servidores públicos, cidadãos e qualquer interessado em aprimorar seus conhecimentos em diversas áreas”.

A plataforma oferece cursos que atendem a necessidade básica no ensino de educação financeira, no qual, mediante materiais voltados para matemática financeira, gestão de finanças pessoais, e até introdução ao Tesouro Direto, auxiliam jovens e adultos no ensino de

conteúdo sobre finanças que os dão noção para alcançar maturidade e capacidade de tomada de decisão no que diz respeito à influência econômica que norteia a sociedade.

Assim, ao promover conceitos como orçamento, investimento, crédito e consumo consciente, a EG.V contribui não apenas para o desenvolvimento individual, mas também, para a formação de uma geração preparada para lidar com os desafios econômicos atuais. Em um cenário onde a falta de educação financeira ainda é uma realidade para muitos, iniciativas como a EG.V são fundamentais para transformar comportamentos, incentivar a autonomia e ampliar oportunidades.

2.1.3 Cidadania Financeira - Banco Central do Brasil (BACEN)

A Cidadania Financeira, assim como a ENEF, é uma ação promovida por entidade pública em prol de divulgar a educação financeira, no qual, à frente do projeto está a Autarquia Federal denominada de BACEN (Banco Central do Brasil). Resumidamente, o projeto Cidadania Financeira, é a promoção do exercício dos direitos e deveres que os cidadãos possuem de não apenas aprender sobre educação financeira, mas também, gerenciar assertivamente seus recursos financeiros (BACEN, 2025).

Assim como os outros dois tópicos apresentados, este programa tem a finalidade de apresentar aos interessados uma base de conhecimento que forme cidadãos capazes de se portar de maneira assertiva e madura quanto à organização, planejamento e controle das finanças pessoais, bem como, adquirir a competência de serem investidores. A única diferença entre o programa Cidadania Financeira e os demais tópicos que abordam educação financeira, é que o programa do BACEN visa que os indivíduos adquiram autonomia financeira, enquanto o ENEF e a EG.V visam respectivamente, a promoção da educação financeira em larga escala e nas escolas.

Com isso, para os jovens, em um cenário de cada vez mais acesso à tecnologia bancária e ao consumo digital, entender como funciona o sistema financeiro e como tomar decisões conscientes se torna essencial desde à juventude. Mediante isso, ao compreender seus direitos e deveres como consumidores de serviços financeiros, os jovens passam a ter mais condições de planejar seu futuro, evitar dívidas desnecessárias e alcançar seus objetivos com mais segurança e autonomia.

2.2 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE DECISÃO

As finanças comportamentais são um conjunto de estudos que envolve compreender o comportamento do consumidor mediante fatores psicológicos e sociais, e sua influência na tomada de decisão frente a aspectos econômicos. Resumidamente, de acordo com Halfeld e Torres (2001, p. 64), “as Finanças Comportamentais são um ramo do estudo de Finanças que tem como objetivo a revisão e o aperfeiçoamento do modelo econômico-financeiro atual, pela incorporação de evidências sobre a irracionalidade do investidor”. Ao analisar as ações de jovens frente ao controle, planejamento e organização financeira, as finanças comportamentais surgem como uma das principais alternativas de estudo, no qual, é capaz de explicar emoções, vieses cognitivos e percepções individuais, além disso, é essencial para investigação de fatores que contribuem ou não para que jovens saibam como agir não apenas em relação ao mercado financeiro, mas também, na preservação das suas finanças pessoais.

Segundo Halfeld e Torres (2001, p. 65-66), “o campo de estudos das Finanças Comportamentais é justamente a identificação de como as emoções e os erros cognitivos podem influenciar o processo de decisão de investidores e como esses padrões de comportamento podem determinar mudanças no mercado”. Esses erros cognitivos, aliados às emoções, são particularmente comuns entre os jovens, uma vez que, conforme discutido nos tópicos sobre educação financeira e planejamento financeiro, a ausência de conhecimento básico, somada a fatores econômicos, sociais e à imaturidade, influencia diretamente o comportamento dessa faixa etária frente ao mercado financeiro e à gestão de seus recursos.

No contexto contemporâneo, a internet, mais especificamente, o uso das redes sociais, bem como, a cultura de consumismo espelhada à população, exerce papel significativo no comportamento financeiro dos jovens. A exposição contínua a padrões de consumo, estilos de vida ilusórios e estratégias de *marketing* digital desperta impulsos de compra, no qual, essa conjuntura intensifica comportamentos guiados por emoções e pela busca de status social, o que contribui para a tomada de decisões financeiras pouco racionais por parte dos jovens. De acordo com Souza (2025), as redes sociais exercem forte influência sobre as decisões financeiras dos usuários, uma vez que capturam sua atenção e os expõem constantemente a anúncios, padrões de consumo idealizados e estímulos ao consumo imediato. Esse cenário favorece comportamentos impulsivos e destaca a importância de uma inclusão financeira digital que contemple não apenas o acesso a ferramentas, mas também a educação e a conscientização sobre os impactos das escolhas feitas nesse ambiente.

A partir da compreensão básica sobre finanças comportamentais, torna-se fundamental aprofundar a análise dos mecanismos que influenciam as decisões financeiras dos indivíduos. Nesse contexto, este estudo abordará teorias centrais das finanças comportamentais, bem como os vieses heurísticos que frequentemente guiam o comportamento econômico de forma intuitiva, porém nem sempre racional. Essa abordagem permitirá compreender de maneira mais detalhada como fatores cognitivos e psicológicos moldam escolhas financeiras, especialmente entre os jovens.

2.2.1 Teoria da Utilidade Esperada e a Teoria da Perspectiva: um estudo sobre finanças comportamentais

O estudo acerca do comportamento, mais especificamente, do processo de tomada de decisão em situações de oportunidade e risco sempre foram valorizados, principalmente, no que diz respeito a áreas como economia e finanças, no qual, grandes teorias foram desenvolvidas em prol de não apenas estudar ações comportamentais das pessoas e suas finanças, mas também, apresentar base teórica e científica que explique atitudes e sentimentos com relação a conduta destes indivíduos frente decisões racionais que geram impacto nos seus resultados futuros. Assim, duas teorias são destaque no estudo acerca das finanças comportamentais, que são: a Teoria da Utilidade Esperada (TUE) e a Teoria da Perspectiva.

A Teoria da Utilidade Esperada, foi desenvolvida através das pesquisas do cientista Daniel Bernoulli, em meados de 1738, e posteriormente aprimorada através dos estudos e contribuições teóricas do matemático John von Neumann e do economista Oskar Morgenstern em 1944, tornando-se base de pesquisas que avaliam o comportamento financeiro e econômico de indivíduos até os dias atuais. (Kahneman, 2012).

De acordo com essa teoria, os indivíduos tomam decisões baseando-se na utilidade esperada dos resultados, no qual, diante de situações de risco, a decisão mais racional seria aquela que contribuísse para o alcance da maximização do ganho esperado ou nenhuma perda atribuída a consequência de suas escolhas. Segundo Kahneman (2012, p. 290), em seu livro, no capítulo intitulado “Os erros de Bernoulli”, ele afirma, “Bernoulli observou que a maioria das pessoas não aprecia o risco (a chance de receber o menor resultado possível) e se lhes for oferecida uma escolha entre uma aposta e uma quantia igual ao valor esperado dela, elas vão pegar a coisa segura”.

Portanto, é correto afirmar que a Teoria da Utilidade Esperada, parte de pressupostos totalmente econômicos, em que, defende que pessoas decidem racionalmente em busca de

opções estáveis, no qual, com capacidade de análise, optam pelo comportamento que os entregue maior utilidade dos seus resultados, garantindo um retorno seguro.

Acerca das contribuições que Daniel Bernoulli desenvolveu em sua teoria, Picoli (2016, p. 37), afirma:

D. Bernoulli deu grandes contribuições à teoria percebendo que a utilidade varia de pessoa para pessoa, na medida em que algumas estão mais dispostas a arriscar que outras. Ele propôs que ao invés de escolher o prospecto com maior valor esperado (monetário), dever-se-ia escolher o prospecto com maior esperança moral de ganhos. Picoli (2016, p. 37).

A principal descoberta de Bernoulli está atrelada ao pensamento de que pessoas tomavam decisões baseando-se no valor esperado do ganho de suas apostas, o que norteava seus estudos, no qual, mediante seu pensamento, as pessoas deveriam preferir a aposta do que um ganho determinado. Porém, suas conclusões foram totalmente contrárias, em que, destacou-se que pessoas preferem decisões certas sem seguir apenas cálculos racionais. Kahneman (2012).

Segundo Kahneman (2012, p. 291):

Sua ideia era clara: as escolhas das pessoas estão baseadas não em valores monetários, mas nos valores psicológicos dos efeitos, em suas utilidades. O valor psicológico de uma aposta é desse modo não a média ponderada de seus possíveis efeitos monetários; é a média das utilidades desses efeitos, cada uma ponderada segundo sua probabilidade. Kahneman (2012, p.291).

Assim, surgiu a ideia de “utilidade”, valor psicológico que o dinheiro tem para cada indivíduo, destacando-se a introdução do conceito de utilidade marginal decrescente, no qual, é afirmado que o valor subjetivo da riqueza não é linear, em que, se um indivíduo com pouco dinheiro ganha um valor X, por exemplo, um milhão de reais, vai gerar mais impacto emocional nele do que para quem é rico e recebe o mesmo valor, sendo assim, é possível afirmar que cada ganho adicional vale menos em termos de satisfação. Contudo, Bernoulli a partir desta linha de pensamento concluiu que a felicidade é determinada pela riqueza atual do indivíduo, sem avaliar ganhos ou perda em relação ao seu estado anterior, definindo assim que, se uma pessoa tinha um milhão e passa a ter cinco milhões, bem como, se uma tinha nove milhões e passa a ter cinco milhões, ambas possuem a mesma “utilidade”, no qual, segundo o pensamento de Bernoulli, estão felizes. Kahneman (2012).

A partir das conclusões acerca da Teoria da Utilidade Esperada, surge a Teoria da Perspectiva ou Teoria do Prospecto, como é também conhecida, no qual, é desenvolvida com a finalidade de “refutar” a linha de pensamento apresentada por Bernoulli em sua teoria.

A Teoria da Perspectiva foi elaborada e defendida pelas contribuições do economista e psicólogo, Daniel Kahneman, e do também economista e psicólogo, Amos Tversky, em meados do final da década de 70, mais precisamente, no ano de 1979, com a finalidade de “corrigir” o que foi defendido pelo autor da teoria que inspirou a dupla, o estudo da Utilidade Esperada, no qual, segundo Kahneman abordou em seu livro, *Rápido e devagar: duas formas de pensar*, parte do estudo defendido por Bernoulli apresentava um “erro” que passou despercebido por muito tempo.

De acordo com o próprio Kahneman (2012, p. 289):

Nossa teoria foi modelada proximamente à teoria da utilidade, mas diferia dela em alguns aspectos fundamentais. O mais importante, nosso modelo era puramente descritivo, e seu objetivo era documentar e explicar violações sistemáticas dos axiomas de racionalidade em escolhas entre opções de risco. Kahneman (2012, p. 289).

Conforme citado acima, a Teoria da Perspectiva inspirada pela TUE, diferia em alguns aspectos, no qual, um dos principais está a questão do ganho e perda em relação ao ponto de referência que tanto Kahneman quanto Tversky defenderam. Justamente, o chamado “ponto de referência” é o principal diferencial entre as duas teorias, no qual, os autores buscaram apresentar que os indivíduos não apreciam o resultado de suas riquezas, mas sim, à mudança relacionada ao que possuíam, seja fatores de ganho ou perda. Kahneman aponta que:

Na teoria de Bernoulli você precisa saber apenas o estado de riqueza para determinar sua utilidade, mas na teoria da perspectiva você precisa saber também o estado de referência. A teoria da perspectiva é assim mais complexa do que a teoria da utilidade. Em ciência, complexidade é considerada um custo, que deve ser justificado por um conjunto suficientemente rico de previsões novas e (preferencialmente) interessantes de fatos que a atual teoria não pode explicar. Esse foi o desafio que tivemos de enfrentar. Kahneman (2012, p. 300).

Em outras palavras, a Teoria da Perspectiva é determinada por sua complexidade em relação a TUE não simplesmente pela citação do autor da obra, mas sim, por compreender o comportamento do indivíduo após tomada de decisão, no qual, o mesmo ganhou ou perdeu capital é algo extremamente profundo, já que, pessoas estão mais propensas a sentir dor ao perder do que prazer ao conquistar.

Em resumo, enquanto a TUE possui foco econômico, tendo como objeto de análise a riqueza do indivíduo como absoluta e avaliadora da utilidade esperada, no qual, o mesmo não apega-se ao ganho ou perda. Já a Teoria da Perspectiva avalia os ganhos ou perdas relacionadas ao ponto de referência, e assim, estudam os resultados pela perspectiva psicológica. Ambas as teorias, portanto, são pilares das finanças comportamentais, e auxiliam

na percepção subjetiva de determinantes na tomada de decisão financeira, contribuindo assim, para que este trabalho desenvolva-se em prol da obtenção de resultados significativos.

2.2.2 Entre razão e emoção: a geração Z de investidores

No contexto das finanças comportamentais, compreender a tomada de decisão do indivíduo é essencial para analisar como fatores psicológicos e emocionais influenciam suas escolhas frente aos diferentes cenários econômicos. Conforme apresentado, as teorias da Utilidade Esperada e da Perspectiva contribuem de forma significativa para essa compreensão, ao explicarem a forma como as pessoas avaliam ganhos e perdas e como percebem o risco em suas decisões financeiras. Enquanto a Teoria da Utilidade Esperada baseia-se em princípios racionais e na maximização do ganho esperado, a Teoria da Perspectiva, desenvolvida por Kahneman e Tversky, introduz uma abordagem mais realista ao demonstrar que as decisões são fortemente influenciadas por aspectos subjetivos e emocionais, especialmente pela aversão à perda e pela forma como as situações são apresentadas.

Nesse sentido, o estudo dos vieses cognitivos torna-se indispensável para compreender o comportamento financeiro, sobretudo entre os jovens, que por sua inexperiência estão mais suscetíveis a decisões impulsivas ou distorcidas. Essas distorções mentais podem afastar o indivíduo da racionalidade econômica tradicional, revelando a complexidade do processo decisório nessa fase da vida. Assim, o próximo tópico aborda alguns dos principais vieses cognitivos como aversão à perda, excesso de confiança, efeito manada, heurística e ancoragem, com o objetivo de analisar seu impacto direto nas atitudes e decisões financeiras dos jovens.

2.2.2.1 Aversão à perda

A aversão à perda é um dos vieses cognitivos destacados por Kahneman e Tversky durante os estudos que resultaram na Teoria da Perspectiva (1979). De acordo com Halfeld e Torres (2001, p. 3), a aversão à perda “baseia-se na constatação de que as pessoas sentem muito mais a dor da perda do que o prazer obtido com um ganho equivalente”. Portanto, em resumo, é o viés que determina que indivíduos são mais propensos a sofrer impacto psicológico em relação às perdas por suas tomadas de decisões se comparadas aos ganhos que os mesmos obtiveram como consequência de suas ações.

Mediante isso, as pessoas impactadas por essa tendência são mais determinadas a escolher opções seguras e conservadoras, principalmente no tocante a gestão de suas finanças e investimentos, já que, não tomam decisões baseando-se apenas nas estatísticas e informações adquiridas, visto que, o medo toma conta das emoções e interfere diretamente na racionalidade do indivíduo quanto a suas decisões. Kahneman (2012) defende que indivíduos avessos ao risco tendem a preferir opções seguras, mesmo que ofereçam retornos inferiores ao valor esperado, demonstrando disposição em abrir mão de ganhos potenciais para evitar a incerteza, e consequentemente, perdas.

Assim, essa assimetria emocional inviabiliza o indivíduo de arriscar em investimentos ou decisões que tragam benefícios significativos à sua vida, no qual, impactam seu psicológico e o torna destinado a decisões pautadas em ações que não geram arrependimento. Contudo, ainda que existam pessoas avessas à perda, Kahneman (2012, p. 302) afirma que “algumas pessoas são muito menos avessas à perda do que outras.”, indicando que o grau de aversão varia de pessoa para pessoa, no qual, fatores como experiências e vivências, bem como, a educação financeira podem ser essenciais e determinantes para adquirir confiança frente a riscos que podem resultar em perdas.

Esse perfil menos conservador pode, em alguns casos, manifestar-se no excesso de confiança, outro viés cognitivo relevante no comportamento financeiro e tema do próximo tópico.

2.2.2.2 Excesso de confiança

O excesso de confiança é um dos vieses cognitivos mais investigados no estudo acerca das finanças comportamentais, visto que, apresenta conteúdo teórico que busca explicar sobre as decisões financeiras que levam o indivíduo a tornar-se autoconfiante em si e na sua capacidade de tomar decisões frente aos desafios que a gestão de finanças pessoais e o mercado financeiro impõe ao consumidor. De acordo com Anache e Laurencel (2013, p. 104), “fortes evidências mostram que as pessoas têm excesso de confiança ou otimismo exagerado em suas decisões financeiras, ou seja, superestimam sua habilidade de prever eventos de mercado, ou ainda, são autoconfiantes nos seus julgamentos, subestimando riscos”.

Em outras palavras, o excesso de confiança é o viés que ocorre a partir do momento que o indivíduo superestima seu conhecimento e sua capacidade de prever e controlar eventos o qual fogem do seu controle. Basicamente, esse sentimento está atrelado a sucessos anteriores, no qual, geram impacto sobre o pensamento crítico e racional do indivíduo, o qual

passa a confiar em suas convicções e estratégias, mesmo que pouco desenvolvidas, resultando em exposição ao risco e perdas financeiras. Kahneman (2012, p. 234), afirma que, “a ilusão de que compreendemos o passado fomenta a superconfiança em nossa capacidade de prever o futuro”. Dessa forma, deixar-se levar pelos resultados positivos do passado resulta em pessoas com confiança superestimada, no qual, futuramente podem trazer resultados catastróficos a depender do rumo que o mesmo decida optar como guia para tomada de decisões.

Sendo assim, o excesso de confiança transmitido através da influência de uma pessoa pode transcender o âmbito individual, e assim, refletir em comportamento coletivo no mercado, visto que, indivíduos desnorteados são mais propensos a serem influenciados por aqueles que demonstram ações ousadas, que é o caso de investidores com tal confiança. Essa influência social cria um ambiente em que o comportamento de um indivíduo se sobressai em relação ao de outros, originando o chamado efeito manada, viés este que será apresentado no tópico a seguir, e é caracterizado pela tendência do individual seguir o comportamento predominante do coletivo, mesmo em detrimento de análises racionais.

2.2.2.3 Efeito manada

O terceiro viés apresentado é o efeito manada, cuja principal característica está na descrição da tendência de um indivíduo em seguir o comportamento de um determinado grupo, já que, o mesmo assume que este grupo possui a tomada de decisão mais correta. Tal viés é comum no mundo das finanças e investimentos, no qual, tem conexão com a sensação de pertencimento e segurança, principalmente no que diz respeito aos assuntos que envolvem finanças pessoais e ativos financeiros. Segundo Anache e Laurencel (2013, p. 106):

A adoção de um comportamento o qual agentes com as mesmas percepções escolhem a mesma direção, ou seja, são influenciados por seus vieses psicológicos de uma mesma maneira e, consequentemente, executam a mesma ação (por exemplo, comprar a ação x), gera uma mania. Essa mania está representada pelo efeito manada. O efeito manada gera, por sua vez, um contágio no mercado financeiro “empurrando” o preço de um determinado ativo para fora de seu valor justo. Anache e Laurencel (2013, p. 106).

O efeito manada é comum através de ações de iniciantes ou pessoas que ainda não possuem experiência ou não encontraram a confiança necessária para tomada de decisão mais segura, são mais influenciáveis e naturalmente baseiam suas ações e estratégias em conteúdo apresentado em redes sociais, bem como, em opinião popular. Oliveira (J.P.S., 2024) afirma que o efeito manada é um fenômeno que pode levar os indivíduos a distorcerem suas

percepções sobre risco e retorno, o que resulta em decisões financeiras menos racionais e mais vulneráveis à formação de bolhas e correções no mercado.

Dessa forma, é perceptível que este viés demonstra como efeitos psicológicos e sociais podem se sobressair em relação à racionalidade atrelada a fatores financeiros e econômico, no qual, leva os indivíduos a tomarem decisões baseadas mais na observação do comportamento alheio do que em análises fundamentadas.

Assim, ao estudar o efeito manada fica evidente a limitação do uso da razão individual em relação à influência coletiva, em que, demonstra a incapacidade humana de processar todas as informações disponíveis de forma lógica e autônoma. Com isso, essa limitação cognitiva conecta-se às heurísticas, especialmente à ancoragem, que influencia julgamentos a partir de referências iniciais frequentemente irrelevantes, tema abordado a seguir para complementar o levantamento teórico.

2.2.2.4 Heurística e Ancoragem

A heurística é um dos estudos desenvolvidos através da participação de Kahneman e Tversky, no qual, pode ser caracterizado de forma simples como um atalho mental que o indivíduo utiliza em prol de solucionar problemas com base em informações limitadas que levam o mesmo a tomada de decisão rápida e facilitada. Kahneman (2012, p. 110), afirma que “a definição técnica de heurística é um procedimento simples que ajuda a encontrar respostas adequadas, ainda que geralmente imperfeitas, para perguntas difíceis.” Sendo assim, pode-se dizer que heurística é um método prático para resolução de situações complexas, que mesmo sem garantia de resposta exata, ainda assim, pode ser útil no dia a dia.

A heurística também é definida a partir da contribuição de Anache e Laurencel (2013, p. 101), que afirmam:

Heurística pode ser definida como um conjunto de regras e métodos que conduzem à resolução de problemas, ou ainda, como metodologia ou algoritmo usado para resolver problemas por métodos que, embora não rigorosos, geralmente refletem o conhecimento humano e permitem obter uma solução satisfatória. Anache e Laurencel (2013, p.101).

Dessa forma, a heurística pode ser compreendida como uma forma de pensar em prol de respostas viáveis, mesmo que sem perfeição, mas úteis para situações de tempo limitado e escassez de informação.

Apesar de bastante úteis em vários contextos, a heurística pode levar a distorções no que diz respeito ao julgamento e opinião dos mais diversos assuntos, e isso está diretamente

ligado aos vieses cognitivos. Entre os principais vieses derivados das heurísticas destaca-se o viés da ancoragem, amplamente discutido por Kahneman (2012) no contexto das finanças comportamentais.

O viés da ancoragem, basicamente, ocorre quando o indivíduo baseia suas decisões e estimativas em uma espécie de “âncora”, termo esse apresentado por Kahneman (2012), em seu livro. Essa “âncora” é utilizada como referência inicial - por exemplo, em um investimento de ações, o preço anterior de uma cota pode ser usado com “âncora”, gerando expectativa de retorno tanto para compra quanto para venda desta cota de ação -, e a partir dela são organizados julgamentos que guiam as pessoas a agir irracionalmente em torno deste “norteador”, formando assim, o efeito ancoragem. Segundo Braga, Garcia-Marques e Ferreira (2012, p.144), o efeito ancoragem “diz respeito à assimilação de um julgamento ou decisão à informação irrelevante para essa tarefa, o que resulta num enviesamento dos julgamentos no sentido dessa informação.”

Assim, o efeito ancoragem consiste na ideia de basear-se em julgamentos ou decisões em uma informação inicial, ainda que irrelevante para a tarefa em questão. Principalmente no mercado financeiro, esse tipo de viés é comum, visto que, muitos investidores não possuem conhecimento adequado para tomada de decisão segura, e acabam baseando-se em informações que podem ser irrelevantes para o alcance de seus objetivos. Assim, Anache e Laurencel (2013, p. 105-106) afirmam que:

A tendência à ancoragem pode fazer com que investidores marquem uma determinada âncora mental para comprar ou vender uma ação. Essa âncora pode ser um preço atingido em dada época, uma venda ou compra anterior ou previsão de algum analista. Formada a âncora, os investidores tendem a dar pouco valor a novas informações, mesmo que estas alterem o perfil da empresa. Anache e Laurencel (2013, p. 105-106).

Em outras palavras, o efeito de ancoragem evidencia como percepções iniciais podem distorcer o raciocínio financeiro, levando investidores a manterem-se presos a referências passadas, mesmo diante de novas informações que poderiam alterar suas decisões. Essa atitude mental compromete a capacidade de raciocínio analítico e a adaptação às dinâmicas do mercado, reforçando o papel das heurísticas como mecanismos mentais que simplificam o julgamento, mas que, ao mesmo tempo, podem conduzir a erros graves na tomada de decisão.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa foi estruturada a partir de um conjunto de características metodológicas que orientaram sua condução e permitiram alcançar os objetivos propostos. Assim, definem-se sua classificação, abordagem, tipologia, procedimentos técnicos e estratégias de análise, de modo a garantir rigor científico e coerência entre o problema investigado e os métodos adotados. A seguir, cada uma dessas características é apresentada e justificada com base nos autores especializados e nos estudos desenvolvidos por cada um utilizado nesta metodologia da pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Em relação à classificação deste trabalho, esta pesquisa denomina-se como de campo/aplicada, no qual, de acordo com Lakatos e Marconi (2017, p. 219):

Pesquisa de campo é que se utiliza com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos sobre um problema, para o qual se procura uma resposta, ou sobre uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, com o propósito de descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. Ela consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los. Lakatos e Marconi (2017, p. 219).

Ou seja, a pesquisa de campo é de suma relevância para que o pesquisador obtenha informações significativas acerca de um problema mediante observação, bem como, coleta, registro e análise de dados, que não apenas fundamentam a pesquisa, mas também, geram notoriedade e embasamento para o estudo. Lakatos e Marconi (2017, p. 222), também afirmam que “o interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade.” Ao compreender estes aspectos, a pesquisa desenvolve não apenas conteúdo, mas também, soluções que venham a contribuir para que os problemas e situações de estudo sejam desenvolvidos de modo que impactem positivamente na sociedade.

No que diz respeito à abordagem deste trabalho, denomina-se como pesquisa de cunho quali-quantitativo, visto que, apresenta características tanto qualitativas quanto quantitativas, já que, de acordo com às afirmações de Gil (2002, p. 90):

Nas pesquisas documentais de cunho quantitativo, sobretudo naquelas que utilizam processamento eletrônico, os dados são organizados em tabelas e permitem o teste das hipóteses estatísticas. Dessa forma, a ordenação lógica do trabalho fica facilitada e pode-se partir facilmente para a redação do relatório. Já nas pesquisas de cunho qualitativo, sobretudo naquelas em que não se dispõe previamente de um modelo teórico de análise, costuma-se verificar um vaivém entre observação, reflexão e

interpretação à medida que a análise progride, o que faz com que a ordenação lógica do trabalho torne-se significativamente mais complexa, retardando a redação do relatório. Gil (2002, p. 90).

Assim, por apresentar características de criação e desenvolvimento de tabelas e gráficos, bem como, sua interpretação e análise crítica, a pesquisa torna-se mais aprofundada acerca do estudo do problema, bem como, completa e equilibrada, visto que, tal abordagem possibilita identificar padrões mensuráveis, ao mesmo tempo em que considera percepções, motivações e comportamentos que não poderiam ser capturados apenas pelo quantitativo.

Já relacionado à tipologia deste conteúdo, denomina-se como pesquisa descritiva, no qual, de acordo com Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” Com isso, a característica da pesquisa descritiva, é basicamente de compreender, desenvolver e descrever os principais norteadores de determinado fenômeno, situação ou problema, oferecendo uma visão clara e objetiva a partir do comportamento dos participantes ou das condições investigadas.

3.2 UNIVERSO, AMOSTRAGEM E AMOSTRA

O universo do estudo, bem como, a amostragem e a amostra são essenciais para o andamento e desenvolvimento da pesquisa, no qual, é a partir dos mesmos que são determinados os alvos a serem objetos de análise, e não apenas isto, mediante universo e amostra, a relevância da pesquisa é destacada na transparência a partir do processo de coleta de dados, que permite avaliar a validade das conclusões e evidencia os limites e alcances da pesquisa, já a amostragem determina como os participantes serão selecionados e influencia diretamente a representatividade dos resultados.

No que diz respeito ao universo, Lakatos e Marconi (2017, p. 259) definem que “universo ou população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum.” Assim, nesta pesquisa, o universo estudado são jovens de até 29 anos, no qual, é investigado o contato com a educação financeira, bem como, as finanças comportamentais no âmbito da tomada de decisão dos mesmos. O público jovem participante é predominante das cidades de João Pessoa, Campina Grande e Cabedelo, todas localizadas na Paraíba, e é formado por indivíduos pertencentes ao ciclo de convivência cotidiana do pesquisador, além de estudantes de cursos de nível médio e superior do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), incluindo também discentes de outras instituições de ensino, como a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e escolas públicas e privadas.

Em prol de comparação, houve-se a inclusão na coleta de dados de alguns adultos de 30 anos ou mais, com o intuito de estudar o comportamento de ambos os “pólos”, os jovens e os adultos quanto ao contato com educação financeira e narrativas de finanças comportamentais na suas vidas pessoais.

A amostra da pesquisa é composta por 117 participantes, no qual, 94 são jovens que possuem até 29 anos de idade, e 23 são adultos selecionados para realização da comparação no âmbito da análise dos dados, em que, avalia-se a tomada de decisão frente à ações características de vieses cognitivos. Em relação à amostra da pesquisa, Lakatos e Marconi (2017, p. 259) afirmam que “o conceito de amostra é ser uma porção ou parcela, convenientemente selecionada do universo (população).” Ou seja, a amostra é o recorte definitivo e delimitado do universo, capaz de dar sustentação e validação para à pesquisa.

Acerca do tipo de amostragem desta pesquisa, é caracterizada pela amostragem do tipo não probabilística, em que, de acordo com Gil (2002), nas amostragens não probabilísticas é comum a utilização do critério de intencionalidade, no qual, os participantes são escolhidos por suas características consideradas relevantes para o estudo. Esse tipo de seleção tende a ser mais apropriado em investigações que exigem compreensão qualitativa dos dados, como ocorre em abordagens de pesquisa-ação. Ou seja, a amostragem não probabilística possui a finalidade de escolher indivíduos sem aleatoriedade, visto que, a seleção intencional do indivíduo/grupo tem por objetivo otimizar a coleta de dados e sua interpretação, já que, a parte que compõe a amostra é determinada baseando-se nas características que a pesquisa apresenta.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A escolha do instrumento de coleta de dados é de suma importância para o andamento e desenvolvimento da pesquisa, em que, deve-se estar em conformidade com as características e com os objetivos propostos no trabalho. Com isso, em prol da obtenção de informações e resultados conforme determinado nos objetivos específicos, utilizou-se um questionário digital, via *Google Forms*, com 17 questões fechadas, e elaboradas especificamente para este estudo. O questionário utilizado neste estudo foi elaborado pelo próprio autor, mediante os objetivos estabelecidos e das variáveis a serem investigadas, não se tratando assim, de um instrumento previamente validado. Com isso, é importante destacar que sua elaboração surgiu através de pontos fundamentais abordados na revisão da literatura acerca da educação financeira e das finanças comportamentais, no qual, principalmente, utilizou-se dos conceitos

e experimentos utilizados por Kahneman (2012) em seu livro para a formulação das questões relacionadas aos vieses cognitivos e ao processo de tomada de decisão. Ademais, outros autores citados no referencial teórico também contribuíram para a fundamentação conceitual das questões, garantindo coerência entre o instrumento de coleta e a estrutura teórica adotada. Em relação às questões acerca da educação financeira, foram elaboradas de que a captar o nível de conhecimento e a percepção dos respondentes sobre o tema, em comum alinhamento com os objetivos da pesquisa. Assim, esse instrumento permitiu reunir informações de forma prática, padronizada e acessível aos participantes.

Segundo Lakatos e Marconi (2017), o questionário consiste em um instrumento de coleta de dados formado por um conjunto estruturado de perguntas, que é respondido por escrito e sem a necessidade da presença do pesquisador durante seu preenchimento.

Com isso, essa característica torna o questionário adequado para pesquisas que exigem praticidade, padronização e alcance ampliado, em que, permite que os participantes respondam no seu próprio tempo e ambiente. Além disso, o uso desse instrumento contribui para redução de interferências externas, garantindo respostas autênticas, além de favorecer a obtenção de dados mais consistentes com a realidade investigada.

Quadro 1: Objetivos específicos x Análise de dados

Objetivos Específicos	Categorias de Análise	Perguntas do Questionário
Investigar o perfil sociodemográfico e sua relação com a gestão das finanças pessoais dos respondentes.	Perfil sociodemográfico e a relação dos respondentes com a educação financeira na gestão de suas finanças.	Questões de nº 1 à 9
Estudar a conduta financeira dos jovens com base na perspectiva teórica das finanças comportamentais.	Conduta financeira dos jovens à luz teórica das finanças comportamentais.	Questões de nº 10 à 16
Identificar os principais vieses cognitivos que influenciam a tomada de decisão dos jovens e adultos na organização de suas finanças e investimentos.	Fatores cognitivos que influenciam a decisão de jovens e adultos.	Questões de nº 10 à 16
Relacionar a interação da educação financeira com a gestão e o comportamento financeiro dos respondentes.	Relação da educação financeira e finanças comportamentais na organização das finanças dos jovens.	Questão de nº 17

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Em resumo, este quadro basicamente reflete a interação dos objetivos específicos deste trabalho com o questionário e suas categorias de análise, no qual, o primeiro objetivo visa analisar o perfil sociodemográfico dos respondentes, bem como, a relação destes com a educação financeira. O segundo e terceiro objetivos, visam analisar a conduta financeira, assim como, os fatores comportamentais atrelados a essas condutas de jovens e adultos frente ao conteúdo teórico desenvolvido no referencial deste trabalho, com foco nos vieses comportamentais, sendo estes, divididos em 4 (quatro) em que destacam-se aversão à perda, excesso de confiança, efeito manada e heurística de ancoragem, que resumidamente são base de várias teorias. O quarto e último objetivo, visa relacionar a educação financeira e as finanças comportamentais na vida dos jovens, no qual, o intuito é compreender se os mesmos acreditam que tendo mais educação teriam o controle emocional de seu comportamento, e assim, não cometeriam os erros e descuidos que atualmente poderiam ser guiados a praticar, isso em relação a gestão de suas finanças pessoais.

3.4 PERSPECTIVA DE ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados é de suma importância para determinar a credibilidade, clareza e profundidade do estudo, no qual, a partir desta fase é possível identificar padrões, comparar comportamentos, revelar tendências e extrair *insights* que não seriam percebidos apenas pela observação direta das respostas ou do conteúdo teórico que norteia a pesquisa. Com isso, à medida que os dados são levantados e analisados, o conteúdo e as hipóteses levantadas no decorrer do trabalho passam a ser bem mais avaliadas, no qual, os seus resultados confirmam ou não os objetivos e a questão da pesquisa.

A partir disso, a perspectiva de análise de dados fundamenta-se na estatística descritiva, no qual, de acordo com Assumpção, Fonseca e Sampaio (2018, p. 9), “é aquela que tem por finalidade o fenômeno estatístico onde há coleta, organização e apresentação dos dados obtidos.” Assim, em resumo, a estatística descritiva é relevante para esta pesquisa devido a sintetização dos dados de forma que facilite a interpretação dos dados de forma essencial e consistente.

Através do uso da estatística descritiva, os principais métodos para análise dos dados de forma eficaz e eficiente, diz respeito ao método de distribuição de frequência e ao uso de medidas de tendência central que complementam e fundamentam os resultados obtidos mediante o uso do método anterior de distribuição.

Em relação à distribuição de frequência, Assumpção, Fonseca e Sampaio (2018, p.18) afirmam que “serve para resumir grandes massas de dados brutos em tabelas que listam os valores observados em correspondência com as suas repetições verificadas.” De forma simples, é a organização dos dados em categorias, no qual, demonstra a frequência com que uma resposta apareceu, em que, mediante análises é possível visualizar padrões, comparar grupos e identificar tendências gerais dentro do conjunto de dados.

Já as medidas de tendência central, de acordo com Assumpção, Fonseca e Sampaio (2018, p. 43):

Uma tendência central (ou, normalmente, uma medida de tendência central) é um valor central ou valor típico para uma distribuição de probabilidade. É chamada ocasionalmente como média ou apenas centro da distribuição. As medidas de tendência central mais comuns são a média aritmética, a mediana e a moda. Assumpção, Fonseca e Sampaio (2018, p.43).

Essas medidas que utilizam de média, moda e mediana são essenciais para extrair da análise os pontos centrais que auxiliam no resumo de valores que tornam-se únicos e representativos.

Complementando o uso de estatística descritiva, distribuição de frequência e medidas de tendência central, e influenciando uma análise mais competente e realista, utilizou-se dos dados extraídos do formulário google que foi necessário para coleta de informações mediante questionário, e, assim, otimizar a organização e interpretação dos dados, refletindo uma competente análise interpretativa.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta a interpretação e a análise dos dados coletados por meio do questionário elaborado no Google Forms. O instrumento continha 17 questões direcionadas a jovens interessados na temática da educação financeira e finanças comportamentais, bem como a adultos com mais de 30 anos, cuja participação serviu como parâmetro comparativo para enriquecer a investigação. Inicialmente, foram registradas 117 respostas, sendo 94 provenientes de jovens e 23 de adultos acima de 30 anos. Contudo, após um processo de verificação e filtragem destinado a assegurar maior rigor metodológico, algumas respostas foram excluídas por não atenderem ao padrão necessário para os objetivos da pesquisa. Dessa forma, a amostra final foi composta por 100 participantes, dos quais 84 eram jovens e 16 eram adultos.

O procedimento de depuração dos dados teve como propósito identificar padrões de consistência que garantisse a qualidade das informações analisadas. A partir desse refinamento, tornou-se possível trabalhar apenas com os registros que apresentavam coerência interna e alinhamento com os critérios previamente estabelecidos, permitindo uma avaliação mais precisa e representativa do comportamento financeiro dos respondentes.

Com a amostra tratada e validada, prossegue-se para a análise dos resultados, estruturada de forma a dialogar diretamente com os objetivos específicos da pesquisa. Assim, são examinados, primeiramente, o perfil sociodemográfico dos participantes e sua relação com a educação financeira; em seguida, investigam-se os comportamentos, percepções e fatores psicológicos que influenciam suas decisões financeiras, à luz das finanças comportamentais; por fim, analisam-se as interações entre educação financeira e aspectos comportamentais, buscando compreender como esses elementos se articulam na gestão das finanças pessoais dos jovens. Essa organização permite que a interpretação dos dados ofereça respostas claras e fundamentadas para cada um dos objetivos traçados no estudo.

4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A análise sociodemográfica busca compreender quem são os indivíduos que compõem a amostra final da pesquisa, no qual, permite contextualizar adequadamente as descobertas posteriores. A partir desta etapa, são avaliadas variáveis como faixa etária, gênero, escolaridade, ocupação e outros aspectos relevantes que possibilitam identificar o perfil predominante dos respondentes. A interpretação desses dados é essencial para estabelecer

relações entre as características pessoais dos participantes e seus comportamentos financeiros, oferecendo subsídios para entender como fatores demográficos podem influenciar atitudes, percepções e decisões no âmbito da educação financeira.

Dessa forma, tem-se abaixo as tabelas representativas acerca do perfil sociodemográfico dos respondentes, no qual, são caracterizados mediante a distribuição das suas escolhas no questionário.

Tabela 1: Faixa etária dos participantes

Faixa Etária	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Até 18 anos	5	5%	5%
Entre 19 e 21 anos	32	32%	37%
Entre 22 e 24 anos	28	28%	65%
Entre 25 e 29 anos	19	19%	84%
Acima de 30 anos	16	16%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Através da observação dos resultados obtidos acima, é possível afirmar que a tabela 1 apresenta a distribuição dos participantes conforme suas faixas etárias, em que, permite a identificação do perfil etário predominante da amostra. Observa-se que a maior concentração está entre 19 e 21 anos, totalizando 32% dos respondentes, seguida pela faixa entre 22 e 24 anos, que representa 28% da amostra. Em conjunto, essas duas faixas correspondem a 60% do total, indicando que a pesquisa é majoritariamente composta por jovens em fase inicial da vida de maturidade, acadêmica e profissional.

Apenas 5% dos participantes têm até 18 anos, demonstrando baixa representatividade de adolescentes. A faixa de 25 a 29 anos aparece com 19%, contribuindo para elevar o percentual acumulado para 84%, o que reforça que a amostra é predominantemente jovem, dentro do recorte estabelecido pelo estudo. Por fim, 16% possuem mais de 30 anos, compondo o grupo de adultos utilizado como parâmetro comparativo na pesquisa.

De maneira geral, a distribuição etária demonstra que a maior parte dos respondentes se encontra em uma fase de transição entre a juventude e a vida adulta, período em que decisões financeiras começam a ganhar maior relevância. Esse cenário favorece análises relacionadas ao comportamento financeiro e ao nível de educação financeira, uma vez que essas idades representam fases críticas de construção de hábitos e percepções econômicas.

Tabela 2: Gênero dos participantes

Gênero	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Masculino	50	50%	50%
Feminino	50	50%	100%
Não Binário	-	-	100%
Abstenção	-	-	100%
Outro	-	-	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Mediante às informações da tabela 2 que apresenta a distribuição dos participantes segundo o gênero informado no questionário, percebe-se que a amostra é composta por 50% de indivíduos do gênero masculino e 50% do gênero feminino, evidenciando equilíbrio total entre os dois grupos. Não houve registros de participantes que se identificassem como não binários nem com outra denominação de gênero, bem como, que optaram por não responder, o que demonstra ausência de diversidade de gênero além do binário na amostra analisada.

Essa distribuição equilibrada contribui para análises comparativas mais consistentes, uma vez que evita a predominância de um único grupo, além disso, o percentual acumulado reforça que o total dos participantes está inteiramente dividido entre os dois gêneros disponíveis.

De modo geral, o perfil de gênero da amostra sugere que as análises subsequentes poderão considerar esse equilíbrio como um fator positivo para interpretações mais imparciais, ainda que a ausência de participantes de outros gêneros limite alguns recortes específicos de diversidade.

Tabela 3: Estado civil dos participantes

Estado Civil	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Solteiro (a)	80	80%	80%
Casado (a)	17	17%	97%
Divorciado (a)	3	3%	100%
Viúvo (a)	-	-	100%
Separado (a)	-	-	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A tabela 3, apresentada acima, é representada pela distribuição dos participantes de acordo com seu estado civil, no qual, nota-se que a ampla maioria da amostra é composta por indivíduos solteiros, em que a sua representatividade compõe 80% dos respondentes. Esse dado reforça o perfil predominantemente jovem da pesquisa, uma vez que pessoas nessa faixa etária tendem, majoritariamente, a não possuir vínculos matrimoniais formais.

A proporção de participantes casados corresponde a 17% da amostra, enquanto apenas 3% declararam-se divorciados. Não houve registros de indivíduos viúvos ou separados, o que indica baixa presença de perfis conjugais mais comuns em faixas etárias mais elevadas.

De maneira geral, o estado civil predominante entre os respondentes, majoritariamente solteiros, pode influenciar aspectos investigados na pesquisa, sobretudo em relação ao comportamento financeiro, à organização das despesas e à tomada de decisões econômicas, que tendem a diferenciar-se conforme responsabilidades familiares e compromissos conjugais se tornam mais presentes. Esse cenário reforça que a análise deve considerar um público cujas decisões financeiras são, em grande parte, tomadas de forma individual.

Tabela 4: Nível de escolaridade dos participantes

Nível de Escolaridade	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Nível Fundamental	-	-	-
Ensino Médio ou Equivalente	46	46%	46%
Ensino Superior	46	46%	92%
Pós-graduação	7	7%	99%
Abstenção	1	1%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Acima, na tabela 4, é apresentada a distribuição dos participantes quanto ao seu nível de escolaridade. Observa-se que a amostra é composta majoritariamente por indivíduos que possuem ensino médio completo ou equivalente e ensino superior, ambos representando 46% dos respondentes. Isso indica que o grupo é formado, em grande parte, por jovens em fases distintas do percurso educacional, no qual, alguns estão concluindo a formação básica e outros já encontram-se inseridos no ensino superior.

A presença de indivíduos com pós-graduação é relativamente reduzida, correspondendo a 7% da amostra, o que é esperado considerando o perfil etário predominante da pesquisa. Apenas 1% optou por não informar o nível de escolaridade, percentual pouco

significativo e que não compromete a análise geral da coleta de dados. Não houve registros de participantes com escolaridade restrita ao ensino fundamental, reforçando a predominância de um público com maior nível de instrução.

De modo geral, a distribuição evidencia que a maioria dos participantes possui, no mínimo, formação média em fase de conclusão ou concluída, o que pode exercer influência sobre a compreensão de conceitos financeiros e sobre o interesse por temas relacionados à educação financeira. Além disso, a elevada proporção de indivíduos que cursam ou já concluíram o ensino superior sugere uma amostra com potencial acesso ampliado à informação, facilitando análises comparativas relacionadas ao conhecimento e ao comportamento financeiro.

Tabela 5: Renda familiar mensal dos participantes

Renda Familiar Mensal	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Até R\$ 1.518	24	24%	24%
De R\$ 1.519 a R\$ 3.036	42	42%	66%
De R\$ 3.037 a R\$ 4.554	15	15%	81%
De R\$ 4.555 a R\$ 6.072	9	9%	90%
Acima de R\$ 6.073	10	10%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Na tabela 5, é apresentada a distribuição dos participantes de acordo com a renda familiar mensal. Assim, é possível observar que a maior parte da amostra encontra-se nas duas faixas de renda mais baixas: até R\$ 1.518, que representa 24% dos participantes, e entre R\$ 1.519 e R\$ 3.036, que corresponde a 42% da amostra. Somadas, essas categorias abrangem 66% dos respondentes, indicando que a maioria pertence a famílias de baixa renda, conforme as classificações socioeconômicas utilizadas no Brasil.

As faixas intermediárias apresentam menor representatividade: 15% possuem renda entre R\$ 3.037 e R\$ 4.554, enquanto 9% situam-se entre R\$ 4.555 e R\$ 6.072. Apenas 10% afirmam ter renda familiar superior a R\$ 6.073, compondo o grupo de maior poder aquisitivo dentro da amostra.

Esse panorama evidencia um predomínio de participantes inseridos em contextos econômicos mais modestos, o que pode influenciar diretamente aspectos relacionados ao comportamento financeiro, à propensão ao consumo, ao hábito de poupança e ao acesso a

produtos financeiros. Além disso, a presença reduzida de famílias de alta renda sugere limitações na comparação entre diferentes cenários socioeconômicos, embora ainda permita observar tendências gerais sobre a relação entre renda e educação financeira.

Tabela 6: Renda pessoal mensal dos participantes

Renda Pessoal Mensal	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Estágio ou Bolsa	30	30%	30%
CLT	44	44%	74%
Concursado	7	7%	81%
Auxílio Governamental	5	5%	86%
Outro	14	14%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A tabela 6 acima apresentada representa a distribuição dos participantes de acordo com sua renda pessoal mensal, ou seja, como cada um contribui para a formação da renda familiar por mês. Mediante isso, percebe-se que a maior parte da amostra concentra-se nas duas categorias de renda mais frequentes: renda proveniente de trabalho formal (CLT), que representa 44% dos participantes, e renda oriunda de estágio ou bolsa, que corresponde a 30% da amostra. Em conjunto, essas duas categorias abrangem 74% dos respondentes, indicando que a maioria encontra-se em vínculos profissionais formais ou em ocupações típicas de estudantes e jovens em início de carreira.

As demais categorias apresentam menor representatividade, no qual, apenas 7% dos participantes possuem renda proveniente de cargo concursado, enquanto 5% afirmam ter como fonte principal algum tipo de auxílio governamental. Além disso, 14% indicaram outras formas de obtenção de renda, contemplando situações diversas como trabalhos autônomos, atividades temporárias ou ocupações informais.

Esse panorama evidencia que a amostra é composta predominantemente por indivíduos inseridos no mercado de trabalho formal ou em estágios, o que sugere um perfil socioeconômico ligado a fases iniciais ou intermediárias de desenvolvimento profissional. A baixa proporção de concursados e beneficiários de auxílio indica menor presença de participantes com estabilidade financeira elevada ou dependentes de políticas de transferência de renda. Assim, tal configuração pode influenciar diretamente aspectos como planejamento

financeiro, capacidade de poupança e comportamento de consumo, além de refletir condições típicas de jovens em transição para maior autonomia econômica.

4.2 OS JOVENS E SUA INTERAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A compreensão da forma como os jovens se relacionam com a educação financeira é fundamental para interpretar seus comportamentos, práticas e desafios na gestão do dinheiro. Nesta etapa, são apresentadas e discutidas as informações coletadas no questionário, cujo tópico analisado neste momento estuda a relação dos jovens com a educação financeira e, assim, permite visualizar padrões, percepções e hábitos financeiros que emergem dos dados.

As tabelas a seguir organizam essas respostas, possibilitando identificar tendências sobre conhecimento, atitudes, fontes de aprendizado e práticas de investimentos entre os participantes. Essa abordagem contribui para contextualizar como a educação financeira influencia, ou deixa de influenciar, as decisões dos jovens em seu cotidiano.

Tabela 7: Jovens e o acesso à educação financeira

Já teve acesso a educação financeira?	Frequência	Percentual
Sim	78	78%
Não	22	22%
Total	100	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A análise da tabela 7, referente ao contato dos jovens com a educação financeira, evidencia que 78% dos participantes afirmaram já ter tido algum tipo de acesso a esse conteúdo, enquanto os 22% restantes declararam não possuir qualquer experiência formal relacionada ao tema. Esse contraste revela um cenário em que a maioria dos respondentes, de alguma forma, tiveram contato com estudos/informações de cunho financeiro, seja por meio de cursos, materiais disponíveis na internet, iniciativas escolares ou outras fontes informais de aprendizado.

Esse resultado acompanha uma tendência observada na sociedade contemporânea, marcada pela crescente disseminação de conteúdos sobre finanças pessoais e investimentos, principalmente, no que diz respeito às plataformas digitais. Assim, a amostra analisada sugere que os jovens estão, cada vez mais, antenados e conectados a informações que contribuem, ainda que de maneira variada em profundidade, para a construção de conhecimento

financeiro. Por outro lado, o percentual daqueles que nunca tiveram acesso ao tema também destaca a existência de lacunas educacionais que ainda demandam atenção e ajustes, especialmente no contexto da formação de jovens em transição para à vida adulta.

Tabela 8: Onde adquiriu informações/conteúdo sobre educação financeira

Onde conseguiu informações/conteúdo acerca de educação financeira?	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Escola/Universidade	54	30,34%	30,34%
Redes sociais/internet	65	36,52%	66,85%
Cursos/Workshops/Eventos	37	20,79%	87,64%
Matérias Publicitárias	14	7,87%	95,51%
Nunca Obtive Informações	8	4,49%	100%
Total	178	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Em relação a análise relacionada a tabela acima, é correto afirmar que a tabela 8 evidencia os principais canais pelos quais os jovens participantes tiveram acesso a informações relacionadas à educação financeira, revelando um panorama diversificado de fontes de aprendizagem. Considerando que a questão permitia múltipla escolha, o total de 178 marcações reflete não apenas a variedade de meios utilizados, mas também a sobreposição de experiências formativas que caracterizam o modo como esse público constrói seu repertório financeiro.

As redes sociais e a internet, responsáveis por 36,52% das indicações, surgem como o principal canal de disseminação de conhecimento financeiro entre os jovens. Esse dado sugere uma forte tendência à busca por conteúdos dinâmicos, de fácil acesso e amplamente difundidos em plataformas digitais, reforçando o papel central dessas mídias no processo contemporâneo de aprendizagem informal. Além disso, evidencia-se uma possível preferência dos respondentes por formatos mais flexíveis e adaptados ao cotidiano, que combinam brevidade, linguagem acessível e constante atualização.

O segundo canal mais citado, escolas e universidades, com 30,34% das respostas, demonstra que a educação formal ainda assume papel relevante na introdução de conceitos financeiros. Contudo, a diferença percentual em relação às mídias digitais revela uma possível lacuna na oferta sistemática de educação financeira institucionalizada, fazendo com que parte significativa dos jovens complemente sua formação por meios informais. Já os cursos, workshops e eventos, responsáveis por 20,79% das escolhas, indicam que uma parcela dos

participantes busca aprofundamento por meio de iniciativas específicas, possivelmente motivada pela necessidade de desenvolver competências práticas ou pela percepção de utilidade imediata desses conhecimentos.

As matérias publicitárias, que representam apenas 7,87% das marcações, mostram baixo impacto como fonte de aprendizado, sugerindo que conteúdos de caráter comercial exercem influência limitada na construção do conhecimento financeiro dos jovens. Por fim, destaca-se que 4,49% dos respondentes afirmaram nunca ter obtido informações sobre educação financeira, o que, embora seja um percentual reduzido, evidencia que ainda existe uma parcela da juventude distante de práticas e conteúdos voltados para a gestão financeira.

De modo geral, a distribuição das respostas demonstra que o processo de aprendizagem financeira dos jovens ocorre principalmente no ambiente digital, complementado por experiências formais e por iniciativas específicas de capacitação. Esse cenário reforça a importância das plataformas tecnológicas como meios de divulgação e dispersão de conhecimento e enfatiza a necessidade de avanços na institucionalização da educação financeira, a fim de promover formação mais ampla, consistente e acessível a esse público.

Tabela 9: Relação dos jovens com educação financeira

Com base na escala de 1 a 10, avalie o quanto você se identifica com as afirmações a seguir, sendo 1 “não me identifico” e 10 “me identifico totalmente”.

Afirmativas apresentadas	Média	Moda	Mediana	Desvio Médio	Desvio Padrão
Acredito que a escola deveria abordar mais temas sobre finanças pessoais	9,52	10	10	0,84	1,54
Considero importante que jovens aprendam desde cedo a lidar com o dinheiro	9,51	10	10	0,87	1,66
Acredito que uma base educacional voltada para área financeira me auxiliaria a comportar-me melhor na gestão das minhas finanças	8,99	10	10	1,32	1,95
Tenho interesse em aprender mais sobre educação financeira.	8,87	10	10	1,41	1,90
Penso nas consequências financeiras antes de tomar uma decisão de consumo	7,39	10	8	2,42	2,91
Costumo buscar informações sobre finanças pessoais e investimentos por conta própria, visando aprimorar o meu	7,05	8	8	2,03	2,46

conhecimento financeiro					
Costumo registrar e acompanhar os meus gastos, visando otimizar o meu planejamento financeiro pessoal	6,74	10	7,5	2,62	2,99
Acredito que o meu conhecimento financeiro é suficiente para lidar com a organização das minhas finanças pessoais	6,31	8	7	2,25	2,64
Costumo definir metas financeiras de curto, médio e longo prazo	6,26	10	6	2,49	2,92
Frequentemente, gasto mais do que o planejado	5,23	2	5	2,66	3,02

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A tabela 9 revela um quadro relativamente consistente, no qual, os jovens reconhecem de forma contundente a importância da educação financeira, em que demonstram alto interesse por conteúdos sobre finanças. As afirmações “acredito que a escola deveria abordar mais temas sobre finanças pessoais” (média = 9,52) e “considero importante que jovens aprendam desde cedo a lidar com o dinheiro” (média = 9,51) apresentam médias muito elevadas e baixa dispersão, o que indica concordância quase que unânime quanto à necessidade de incorporar a educação financeira nos espaços formativos e à relevância da aprendizagem nos primeiros anos da formação educacional e acadêmica.

Ao mesmo tempo, a afirmação “tenho interesse em aprender mais sobre educação financeira” registra média 8,87, confirmado disposição da grande maioria para o aprofundamento no assunto acerca da temática, além disso, a moda e a mediana elevadas reforçam o consenso positivo. Contudo, essa disposição não se traduz de modo homogêneo em percepção de competência, já que, a afirmativa “acredito que o meu conhecimento financeiro é suficiente para lidar com a organização das minhas finanças pessoais” obteve média 6,31 e apresenta elevada dispersão (desvio padrão ~2,64), sinalizando comportamento heterogêneo entre os respondentes, no qual, enquanto parte dos questionados se sentem seguros em relação ao seu saber financeiro, outra parcela admite lacunas relevantes no próprio conhecimento.

Em relação às práticas efetivas de gestão, os resultados mostram comportamento moderado, visto que, a afirmação “costumo buscar informações sobre finanças pessoais e investimentos por conta própria [...]” alcançou média 7,05, indicando iniciativa de uma parcela dos jovens, mas com uma fração de variabilidade considerável, enfatizando que ainda existe aqueles que não conseguem obter informações ou são relutantes na busca por

conhecimento financeiro sem o auxílio de terceiros, reforçando que muitos jovens ainda não confiam em suas próprias convicções. A autoavaliação de práticas de controle também mostra-se intermediária, em que, as afirmativas “costumo registrar e acompanhar os meus gastos [...]” (média 6,74) e “costumo definir metas financeiras de curto, médio e longo prazo” (média 6,26) apontam que muitos jovens ainda não possuem rotinas consolidadas de monitoramento e planejamento, mesmo que reconheçam sua importância.

As percepções sobre tomada de decisão são um ponto de atenção, visto que, a afirmativa “penso nas consequências financeiras antes de tomar uma decisão de consumo” registra média 7,39, o que sugere que, em termos gerais, os jovens tendem a considerar impactos antes de gastar, entretanto, a existência de variabilidade (desvio padrão ~2,91) indica diferenças individuais no comportamento pré-decisório. Ademais, a questão “frequentemente, gasto mais do que o planejado” apresentou a menor média (5,23) e alta dispersão (desvio padrão ~3,02), evidenciando que uma fração considerável de jovens ainda enfrenta dificuldades em controlar gastos, o que pode comprometer objetivos financeiros pessoais.

Por fim, a afirmativa “acredito que uma base educacional voltada para a área financeira me auxiliaria a comportar-me melhor na gestão das minhas finanças” alcançou média 8,99, demonstrando crença forte entre os jovens de que educação estruturada pode melhorar comportamentos financeiros, enfatizando que a maioria destes respondentes querem aprender e acreditam que o aprendizado teria impacto prático na gestão e organização financeira das suas vidas.

Logo, os resultados indicam que, embora o interesse e o reconhecimento da relevância da educação financeira sejam elevados, existe uma lacuna entre esse reconhecimento e a prática cotidiana. Em outras palavras, os jovens parecem valorizar e desejar educação financeira, mas muitos ainda não a converteram em competências firmes de organização e controle financeiro. A variabilidade observada (desvios padrão mais altos em itens sobre competência pessoal e comportamento de gasto) aponta para perfis distintos dentro da amostra, no qual, enquanto parte já busca informação e aplica estratégias, outra parte carece de conhecimento prático e mantém hábitos que expõem fragilidades no manejo do orçamento.

Essas informações sustentam a hipótese de que a educação financeira pode colaborar na gestão pessoal, mas sua eficácia depende não só do acesso à informação, mas também de formatos e intervenções que favoreçam a aplicação prática (ex.: exercícios de orçamento, acompanhamento contínuo, ensino de hábitos).

4.3 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE DECISÃO FINANCEIRA DE JOVENS

Nesta seção, realiza-se a transição entre a abordagem teórica das finanças comportamentais e sua aplicação prática por meio da análise das respostas obtidas no questionário. Mediante os conceitos discutidos anteriormente, como a influência dos vieses cognitivos e emocionais sobre a tomada de decisão, buscou-se identificar, na amostra pesquisada, padrões que revelassem comportamentos financeiros característicos dos jovens. Para isso, as questões 10 a 16 foram cuidadosamente construídas com situações hipotéticas e assertivas que permitissem captar, ainda que indiretamente, a presença desses vieses no processo de tomada de decisão.

Cada uma dessas questões apresentou quatro alternativas, sendo que cada opção foi associada a um viés comportamental específico, mantendo-se um padrão uniforme em todas elas. Dessa forma, a alternativa “A” corresponde às características do viés de aversão à perda, caracterizado pela tendência de evitar riscos mesmo diante de possíveis ganhos; a alternativa “B” representou às características do efeito manada, que descreve a propensão a seguir o comportamento da maioria dos indivíduos; a alternativa “C” apresentou características e foi atribuída ao excesso de confiança, viés relacionado à superestimação das próprias habilidades e conhecimentos; e a alternativa “D” diz respeito às características da heurística de ancoragem, que ocorre quando o indivíduo se prende a informações iniciais para formular julgamentos posteriores. Essa padronização permitiu mapear de forma objetiva a frequência com que cada viés foi selecionado pelos respondentes.

A partir dessa estrutura, tornou-se possível identificar se há um viés predominante entre os jovens participantes, bem como compreender de que maneira essas tendências cognitivas podem influenciar sua relação com o dinheiro e seus hábitos de planejamento financeiro, através do que foi apresentado anteriormente na fundamentação teórica. Para isso, foram organizadas tabelas que sintetizam a distribuição das respostas em cada questão, apresentando a frequência e o percentual de escolha de cada viés.

As tabelas a seguir permitem visualizar esses resultados de forma clara e comparativa, servindo como base para a análise interpretativa conduzida nos próximos tópicos.

Tabela 10: Resposta comportamental ao saldo remanescente

Ao receber seu salário ou renda, você paga as despesas fixas e percebe que resta uma quantia limitada. O que você faz?	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Guardo parte do valor para eventuais imprevistos, priorizando segurança financeira.	59	59%	59%
Utilizo parte do valor para adquirir algo que está em destaque ou sendo muito procurado no momento.	5	5%	64%
Confio que saberei equilibrar meus gastos ao longo do mês, mesmo sem reservar uma quantia específica.	18	18%	82%
Mantenho o mesmo padrão de gastos dos meses anteriores, usando-o como referência.	18	18%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A partir das informações apresentadas na tabela 10, e considerando a distribuição das alternativas, no qual, cada uma representa os principais vieses cognitivos analisados nesta pesquisa, observa-se que 59% dos respondentes selecionaram a alternativa “A”, correspondente ao viés de aversão à perda. Esse resultado indica que a maioria dos participantes tende a optar por escolhas mais seguras em suas decisões financeiras, evitando assumir riscos que possam comprometer seu planejamento, em que, tal comportamento é especialmente relevante em situações que envolvem formação de reserva, proteção do patrimônio e escolhas pautadas pela segurança.

As alternativas seguintes em destaque correspondem às características de outros dois vieses, que são o excesso de confiança e a heurística de ancoragem, ambos com 18% das escolhas, totalizando 36%. Esses percentuais revelam que uma parcela considerável dos respondentes demonstra propensão tanto a superestimar suas próprias capacidades e julgamentos quanto a sustentar decisões com base em informações anteriores, acreditando que essas referências passadas terão impacto direto em resultados futuros. Tais comportamentos, ainda que menos expressivos do que a aversão à perda, também exercem influência relevante sobre o processo decisório financeiro.

Por fim, mesmo somando o percentual desses dois vieses, que juntos possuem 36% dos votos, com o efeito manada, representado por 5% das respostas, a aversão à perda permanece dominante, ultrapassando isoladamente a metade das escolhas. Isso reforça que, para a situação apresentada na questão, a busca por segurança é o fator mais determinante

para os jovens participantes, especialmente no contexto da construção gradual de uma reserva de emergência, onde a cautela tende a prevalecer sobre decisões mais arriscadas.

Tabela 11: Comportamento frente a imprevistos financeiros

Você define como meta economizar uma quantia mensal para realizar uma viagem ao final do semestre. Após algumas semanas, surgem despesas imprevistas. Como procede?	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Reduzo outras despesas para manter o plano e não perder o que já economizei.	30	30%	30%
Adio o plano, avaliando que muitas pessoas também enfrentam dificuldades para poupar.	28	28%	58%
Mantenho a meta original, acreditando que conseguirei recuperar o valor nos próximos meses.	14	14%	72%
Recalculo o objetivo, baseando-me na quantia que já consegui guardar até o momento.	28	28%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Com base na tabela 11, que trata do comportamento dos indivíduos diante de imprevistos financeiros, observa-se uma distribuição mais equilibrada entre as alternativas quando comparada à questão anterior. Nesse caso, a alternativa “A”, correspondente ao viés de aversão à perda, recebeu 30% das respostas, percentual muito próximo das alternativas associadas ao efeito manada e à heurística de ancoragem, que registraram 28% cada. Essa proximidade indica que, diante de situações inesperadas que exigem tomadas de decisão mais assertivas, os participantes demonstram diferentes formas de reagir, no qual, alternam entre buscar segurança, procurar respostas no comportamento coletivo ou apoiar-se em referências baseadas em situações passadas, mesmo que recentes.

A análise desse equilíbrio sugere que, ao lidar com imprevistos, os jovens respondentes não apresentam um único padrão dominante de comportamento, mas sim uma variedade de estratégias cognitivas que influenciam seu julgamento. A semelhança entre as frequências das alternativas “A”, “B” e “D” evidencia que a reação frente ao risco, a tendência de seguir o coletivo e a dependência de pontos de referência passados podem atuar de maneira semelhante na construção da decisão segura, dependendo do contexto enfrentado, no qual, neste contexto temos as despesas imprevisíveis.

Contudo, a alternativa associada ao excesso de confiança, com 14% das escolhas, foi a menos selecionada, indicando que esse viés apresenta menor influência na tomada de decisão

em situações de imprevisto. Esse resultado sugere que, nesses cenários, os respondentes tendem a adotar uma postura mais cautelosa, menos pautada na superestimação de suas próprias capacidades e mais orientada por fatores de segurança, comportamento coletivo ou ancoragem. Dessa forma, a tabela revela uma pluralidade de respostas que contribui para compreender a complexidade das decisões financeiras diante de eventos imprevistos.

Tabela 12: Reação frente a oportunidades de investimento desconhecidas

Você descobre que um novo tipo de investimento tem apresentado bons resultados entre terceiros, mas ainda não conhece o produto. O que você faz?	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Prefiro não aplicar, para evitar possíveis perdas.	57	57%	57%
Invisto também, considerando as experiências relatadas por outros investidores.	7	7%	64%
Invisto acreditando que conseguirei escolher o momento certo de entrada e saída.	4	4%	68%
Só investiria se o valor inicial fosse compatível com o montante que costumo aplicar.	32	32%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Com base na tabela 12, que analisa o comportamento dos jovens diante de oportunidades de investimento ainda desconhecidas pelo indivíduo, nota-se um predomínio evidente do viés de aversão à perda, representado pela alternativa “A”, que concentrou 57% das respostas. Esse resultado indica que a maior parte dos participantes prefere evitar riscos quando se depara com produtos financeiros novos, optando por não investir até possuir maior conhecimento ou segurança sobre o retorno. Assim, tal comportamento reforça a tendência dos jovens de priorizar a preservação do patrimônio, principalmente quando não há informações suficientes para fundamentar sua tomada de decisão.

O segundo viés mais frequente foi a heurística de ancoragem, associado à alternativa “D”, que apresentou 32% das escolhas, no qual, esse percentual revela que uma parcela expressiva dos respondentes tende a utilizar seus padrões anteriores, sendo usado de exemplo o valor normalmente aplicado em outros produtos financeiros, como referência para avaliar novas oportunidades. Assim, mesmo diante de um investimento com bons resultados relatados por terceiros, esses jovens demonstram cautela e buscam alinhar suas decisões às experiências passadas, reforçando a ideia de que referências anteriormente estabelecidas exercem influência significativa sobre o processo decisório.

Os demais vieses apresentaram percentuais inferiores, em que, o efeito manada obteve 7% das respostas, enquanto o excesso de confiança representou apenas 4% das escolhas dos respondentes. Esses resultados mostram que, no contexto analisado, poucos jovens se deixam influenciar diretamente pelo comportamento de outros investidores ou confiam excessivamente em sua capacidade de prever o momento ideal de entrada e saída no investimento. Dessa forma, a tabela 12 retrata um comportamento fortemente marcado pela cautela, seja pela evitação de riscos, seja pela dependência de referências anteriores, reforçando o domínio de decisões mais conservadoras em situações de incerteza.

Tabela 13: Atitude diante de gastos em excesso

Você nota que tem gasto mais do que o planejado com lazer e alimentação. Como age?	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Reduzo os gastos para evitar desequilíbrio financeiro.	65	65%	65%
Mantenho o mesmo padrão, observando que é comum esse comportamento entre outros jovens.	2	2%	67%
Confio que conseguirei compensar os gastos no próximo mês.	12	12%	79%
Faço apenas ajustes pequenos para manter o orçamento dentro do padrão que considero habitual.	21	21%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Com base na tabela 13, que aborda a atitude dos jovens diante de situações de desequilíbrio financeiro geradas por gastos excessivos com lazer e alimentação por exemplo, observa-se um predomínio expressivo do viés de aversão à perda, representado pela alternativa “A”, que concentrou 65% das respostas. Esse resultado indica que a maior parte dos participantes reconhece a necessidade de restabelecer o equilíbrio financeiro por meio do controle mais rígido do fluxo de caixa, especialmente mediante a redução de despesas. Assim, evidencia-se uma postura orientada à preservação do orçamento e à retomada do controle financeiro pessoal.

O segundo viés de maior incidência foi a heurística de ancoragem, associado à alternativa “D”, que alcançou 21% das escolhas. Esse percentual demonstra que uma parte relevante dos respondentes acredita que ajustes pontuais baseados em padrões anteriores, como hábitos de consumo ou valores de referência, podem ser suficientes para reorganizar as

finanças. Essa interpretação reforça a tendência de utilizar comportamentos passados como parâmetro para retomar a estabilidade financeira.

Por fim, as alternativas referentes ao efeito manada e ao excesso de confiança apresentaram 2% e 12%, respectivamente, indicando baixa influência desses vieses na situação analisada. Dessa forma, ações fundamentadas em decisões de terceiros ou em confiança excessiva nas próprias convicções não foram consideradas estratégias adequadas pelos jovens em prol da recuperação da saúde financeira nesse contexto, reforçando a predominância de uma postura mais cautelosa e planejada.

Tabela 14: Ações diante da volatilidade do mercado de capitais

Um investimento que você possui apresenta uma queda de rendimento significativa em pouco tempo. Qual seria sua reação mais provável?	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Retiro o investimento para evitar perdas maiores.	50	50%	50%
Tomo minha decisão com base nas análises e comentários de terceiros.	12	12%	62%
Mantenho o investimento, acreditando que o mercado tende a se recuperar.	16	16%	78%
Decido agir apenas quando o valor retornar a um patamar que considero satisfatório.	22	22%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A tabela 14 aborda o comportamento dos jovens frente à volatilidade do mercado de capitais, no qual, percebe-se que a alternativa associada ao viés de aversão à perda foi escolhida por 50% dos respondentes, constituindo metade das respostas. Essa preferência demonstra que, diante de oscilações acentuadas no mercado, a tendência predominante é optar pela retirada do valor investido, buscando evitar perdas maiores e proteger o patrimônio financeiro. Assim, a cautela se destaca como estratégia central na gestão dos investimentos entre os jovens pesquisados.

As demais alternativas apresentaram percentuais mais distribuídos, no qual, o efeito manada obteve 12%, o excesso de confiança alcançou 16%, e a heurística de ancoragem registrou 22% das escolhas. Esses resultados evidenciam que, embora a retirada do investimento seja a preferência predominante, uma parcela considerável dos participantes ainda considera outras abordagens, seja acompanhando a opinião ou comportamento de

terceiros, confiando em sua capacidade de prever a recuperação do mercado ou baseando-se em valores históricos de referência para esperar que o ativo retorne ao patamar anterior.

Dessa forma, a tabela 14 revela que, apesar da predominância da aversão à perda, há diversidade de estratégias cognitivas que influenciam a tomada de decisão em cenários de volatilidade, refletindo diferentes percepções de risco e expectativas de retorno.

Tabela 15: Comportamento frente a metas financeiras não alcançadas

	Frequência	Percentual	Percentual
			Acumulado
Você decide poupar para iniciar um curso de especialização no próximo semestre. Após dois meses, percebe que conseguiu guardar menos do que esperava. O que faz?			
Corto gastos supérfluos para garantir o cumprimento da meta.	47	47%	47%
Ajusto o objetivo ao perceber que as condições estão mais difíceis de manter.	17	17%	64%
Mantenho a meta original, acreditando que conseguirei compensar o valor nos meses seguintes.	10	10%	74%
Replanejo a meta tomando como base o valor que já consegui acumular.	26	26%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A tabela 15 apresenta o comportamento dos jovens diante de metas financeiras não alcançadas, especialmente em situações nas quais o objetivo exigia disciplina de poupança, como juntar recursos para um curso de especialização. Nesse cenário, 47% dos respondentes optaram pela alternativa associada ao viés de aversão à perda, indicando que a solução mais adotada foi reduzir gastos supérfluos para manter o foco na meta definida. Esse comportamento reforça a postura de priorizar objetivos relevantes mesmo que isso exija ajustes no padrão de consumo.

Em seguida, observa-se a influência da heurística de ancoragem, representada pela alternativa “D”, que obteve 26% das escolhas. Esse resultado mostra que muitos jovens preferem reajustar a meta com base no valor já acumulado, estendendo o prazo ou reorganizando o planejamento conforme o ponto de partida. Tal decisão demonstra que referências previamente estabelecidas têm forte peso na condução do planejamento financeiro.

As alternativas associadas ao efeito manada e ao excesso de confiança registraram 17% e 10%, respectivamente. Esses percentuais evidenciam que, embora minoritárias, ainda

existem posturas que envolvem seguir o comportamento de outros ou confiar na própria capacidade de resolver a situação mantendo a meta original. No entanto, esses vieses mostraram-se menos representativos quando comparados às estratégias de contenção de gastos e replanejamento financeiro.

Tabela 16: Experiência financeira diante de perdas no mercado de capitais

Você recorda uma decisão passada que resultou em perda financeira. Diante de uma nova oportunidade semelhante, você:	Frequência	Percentual	Percentual Acumulado
Evita agir da mesma forma, para não repetir o erro.	84	84%	84%
Observa o comportamento de pessoas próximas antes de decidir, acreditando que suas experiências podem orientar melhor a sua.	9	9%	93%
Age novamente, acreditando que, desta vez, o resultado será positivo.	2	2%	95%
Decide apenas se o valor envolvido for semelhante ao da experiência anterior, usando-o como referência.	5	5%	100%
Total	100	100%	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Encerrando a análise dos dados referentes aos vieses cognitivos, a tabela 16 investiga o comportamento dos jovens diante de perdas financeiras no mercado de capitais. Os resultados mostram que 84% dos respondentes escolheram a alternativa associada à aversão à perda, uma quase unanimidade. Tal escolha indica que, após uma experiência negativa, a grande maioria dos jovens prefere não repetir ações que já resultaram em prejuízo, adotando uma postura de cautela e aprendizado diante dos erros.

As demais alternativas apresentaram percentuais significativamente inferiores, no qual, o efeito manada alcançou 9%, o excesso de confiança apenas 2%, e a heurística de ancoragem registrou 5% das respostas. Esses números revelam que comportamentos baseados em seguir terceiros, acreditar excessivamente na própria capacidade decisória ou ancorar-se em fatores anteriores, como o valor inicialmente investido, têm influência mínima nesse contexto.

Assim, a tabela 16 evidencia que, quando confrontados com perdas reais, os jovens tendem majoritariamente a agir de forma prudente, aprendendo com experiências anteriores e buscando evitar novas situações que possam comprometer seu patrimônio financeiro.

Em resumo, a análise integrada das tabelas que compõem o estudo evidencia, de forma consistente, que o viés de aversão à perda é o mais recorrente entre os jovens participantes da pesquisa. Em praticamente todos os cenários apresentados, seja diante de oportunidades de investimento desconhecidas, situações de desequilíbrio financeiro, metas não alcançadas ou volatilidade no mercado, nota-se que a maior proporção de respondentes opta por alternativas orientadas à preservação do patrimônio e à redução de riscos. Esse padrão demonstra que, mesmo em contextos distintos, os jovens tendem a adotar posturas prudentes, priorizando ações que minimizem a possibilidade de prejuízos e assegurem maior estabilidade financeira, no qual, isso é enfatizado no tópico acerca de aversão à perda, no referencial teórico, quando Kahneman (2012) é citado, em que, defende que indivíduos avessos ao risco tendem a preferir opções seguras, mesmo que ofereçam retornos inferiores ao valor esperado, demonstrando disposição em abrir mão de ganhos potenciais para evitar a incerteza, e consequentemente, perdas.

Essa predominância no questionário, sugere que as decisões econômicas dos participantes são fortemente guiadas por uma percepção de risco mais sensível às perdas do que aos potenciais ganhos. De acordo com Halfeld e Torres (2001, p. 3), a aversão à perda “baseia-se na constatação de que as pessoas sentem muito mais a dor da perda do que o prazer obtido com um ganho equivalente”. Assim, o impulso de proteger recursos já conquistados exerce maior influência sobre o comportamento financeiro do que a busca por oportunidades que poderiam gerar resultados mais elevados, ainda que envolvam algum grau de incerteza. Essa tendência também revela uma postura racionalizada de autocontrole, especialmente quando se trata de administrar o orçamento pessoal ou avaliar cenários de instabilidade econômica.

Portanto, compreender a prevalência da aversão à perda entre os jovens é fundamental para interpretar seu processo decisório e suas estratégias de planejamento financeiro. Esse viés se manifesta como um elemento estruturante das escolhas, moldando desde atitudes cotidianas até decisões de investimento mais complexas. A partir dessa constatação, torna-se possível dialogar com a literatura especializada, enriquecendo a análise com fundamentações teóricas que expliquem por que esse comportamento emerge com tanta intensidade e de que maneira influencia a capacidade dos jovens de gerir suas finanças eficientemente.

4.4 INTERAÇÃO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DOS ASPECTOS COMPORTAMENTAIS NA GESTÃO FINANCEIRA DOS JOVENS

A análise da relação entre educação financeira e finanças comportamentais é fundamental para compreender como os jovens estruturam seus hábitos de gestão financeira. Embora o conhecimento sobre finanças seja um elemento importante para orientar escolhas mais conscientes, esse fator não atua isoladamente. A presença de vieses cognitivos, muitas vezes inconscientes, pode influenciar significativamente a forma como decisões são tomadas no cotidiano.

Nesse sentido, a questão apresentada na tabela deste tópico busca estudar justamente essa interação de como o acesso à educação financeira se relaciona com padrões comportamentais, e se os jovens reconhecem que ambos podem influenciar e, até moldar suas atitudes diante da gestão de suas finanças. Assim, o foco principal é verificar se os respondentes percebem que suas práticas financeiras podem ser afetadas tanto pelo conhecimento que possuem quanto por tendências psicológicas que orientam sua tomada de decisão.

A partir dessa análise, torna-se possível compreender de maneira mais clara como esses dois elementos se articulam na experiência financeira dos jovens, identificando potenciais lacunas, percepções e níveis de consciência sobre os fatores que orientam sua gestão financeira.

Tabela 17: De 1 a 10: relação da educação financeira e finanças comportamentais nas finanças dos jovens

Com base na escala de 1 a 10, avalie o quanto você concorda com as afirmações a seguir, sendo 1 “discordo totalmente” e 10 “concordo totalmente”.

Afirmativas apresentadas	Média	Moda	Mediana	Desvio Médio	Desvio Padrão
Acredito que entender sobre finanças e meu comportamento como consumidor me tornariam mais consciente nas minhas decisões diárias	9,55	10	10	0,71	1,03
Entendo que erros financeiros anteriores podem ensinar lições importantes para o futuro	9,45	10	10	0,86	1,32

Ter mais conhecimento sobre economia e finanças reduziria a influência da impulsividade nas minhas decisões	9,43	10	10	0,86	1,27
Com mais conhecimento sobre finanças, eu analisaria melhor promoções e descontos antes de comprar	9,43	10	10	0,87	1,39
Compreender a relação entre emoções e dinheiro me ajudaria a agir de forma mais racional nas decisões financeiras	9,42	10	10	0,85	1,16
Identificar meus próprios padrões de comportamento financeiro me ajudaria a evitar erros repetidos	9,41	10	10	0,86	1,17
Se eu tivesse mais conhecimento sobre meus próprios vieses comportamentais, administraria melhor meus gastos e investimentos	9,40	10	10	0,84	1,29
A educação financeira poderia me ajudar a reconhecer quando estou sendo influenciado(a) por emoções, como medo ou euforia, ao lidar com dinheiro	9,35	10	10	0,94	1,24
Entender como as emoções afetam minhas escolhas poderia melhorar meu controle sobre o dinheiro	9,27	10	10	1,01	1,38
Percebo que muitas das minhas decisões financeiras são influenciadas por sentimentos momentâneos	7,27	10	8	2,56	2,97

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A tabela 17 apresenta um conjunto de afirmações destinadas a avaliar como os jovens percebem a relação entre educação financeira e os aspectos comportamentais que influenciam suas decisões econômicas. Os resultados revelam médias bastante elevadas em praticamente

todas as afirmações, indicando um consenso expressivo de que conhecimentos financeiros e compreensão dos vieses cognitivos desempenham papel relevante no aprimoramento da gestão das finanças pessoais e de investimentos.

De modo geral, observa-se que os respondentes reconhecem que a educação financeira não se limita ao domínio de conceitos técnicos, mas abrange também a capacidade de identificar emoções, impulsos e padrões comportamentais que interferem no processo decisório. Afirmações como “a educação financeira poderia me ajudar a reconhecer quando estou sendo influenciado(a) por emoções [...]” (média 9,35) e “entender como as emoções afetam minhas escolhas poderia melhorar meu controle sobre o dinheiro” (média 9,27) evidenciam que os jovens compreendem a importância da autorregulação emocional para evitar decisões precipitadas, reforçando a visão de que o comportamento financeiro é composto por elementos racionais e emocionais.

Outra observação relevante refere-se ao reconhecimento de que maior conhecimento sobre finanças, aliado à consciência dos próprios vieses cognitivos, tende a melhorar a capacidade de análise, planejamento e tomada de decisão. Afirmações como “se eu tivesse mais conhecimento sobre meus próprios vieses comportamentais, administraria melhor meus gastos e investimentos” (média 9,40) e “ter mais conhecimento sobre economia e finanças reduziria a influência da impulsividade nas minhas decisões” (média 9,43) revelam que os jovens percebem a interação entre educação financeira e comportamento como um fator que potencializa a disciplina, a prudência e a racionalidade no gerenciamento do dinheiro.

Ademais, a média elevada para a afirmação “compreender a relação entre emoções e dinheiro me ajudaria a gerir de forma mais racional minhas decisões financeiras” (média 9,42) reforça a noção de que os respondentes atribuem grande importância ao autoconhecimento emocional no processo de tomada de decisão, no qual, essa percepção se complementa com a alta média de concordância na ideia de que “[...] erros financeiros anteriores podem ensinar lições importantes para o futuro” (média 9,45), demonstrando um entendimento maduro de que o aprendizado contínuo faz parte da construção de hábitos financeiros conscientes.

Em contrapartida, a única afirmação que apresentou média relativamente menor foi “percebo que muitas das minhas decisões financeiras são influenciadas por sentimentos momentâneos” (média 7,27). Esse resultado sugere que, embora os jovens reconheçam a importância de lidar com emoções e vieses, parte deles ainda não se percebe claramente afetada por essas influências, o que pode indicar, inclusive, a presença de um viés de excesso de confiança ou baixa consciência comportamental. Mesmo assim, a média continua acima de 7, revelando que muitos admitem algum nível de impacto emocional em suas escolhas.

No geral, analisando os dados em si, os resultados da tabela 17 demonstram que os jovens possuem elevada consciência da importância da educação financeira integrada aos aspectos comportamentais. Eles reconhecem que o domínio de conceitos técnicos, aliado à capacidade de identificar emoções e vieses cognitivos, tende a fortalecer o processo de tomada de decisão, auxiliando na redução de impulsos, evitando erros recorrentes e promovendo hábitos financeiros mais saudáveis e racionais. Essa percepção reforça a relevância de programas de educação financeira que abordem não apenas conteúdos matemáticos e informativos, mas também elementos comportamentais, emocionais e psicossociais associados às finanças pessoais.

4.5 COMPARATIVO ENTRE JOVENS E ADULTOS: EDUCAÇÃO FINANCEIRA E FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

Nesta seção, é realizada a uma análise comparativa entre dois segmentos etários, jovens e adultos com 30 anos ou mais, com o objetivo de compreender de que maneira a idade, a maturidade e o eventual contato prévio com a educação financeira influenciam as decisões relacionadas às finanças pessoais e aos investimentos. Embora o foco central da pesquisa relate-se sobre o público jovem, é incluído um grupo reduzido de adultos (16 respondentes) em contraposição aos 84 participantes mais novos, permitindo uma comparação inicial entre os grupos. Assim, trata-se de uma análise de caráter mais exploratório do que aprofundado, no qual, sua função é oferecer um ponto de referência e servir como base para investigações futuras com maior equilíbrio amostral.

Com isso, dando continuidade ao que foi apresentado na seção anterior, retoma-se a investigação dos principais vieses comportamentais, em que, destacam-se aversão à perda, excesso de confiança, efeito manada e heurística de ancoragem, agora examinados à luz da diferença etária. A observação das frequências obtidas possibilita identificar se os adultos apresentam posturas potencialmente mais conservadoras, possivelmente associadas ao acúmulo de experiências financeiras ao longo do tempo, ou se os resultados se aproximam daqueles dos jovens, indicando que tais vieses podem se manifestar de forma transversal, independentemente da idade.

Dessa forma, esta etapa da pesquisa busca não apenas comparar comportamentos, mas também compreender como a interação entre idade, experiência e educação financeira contribui para moldar as atitudes individuais diante de situações que envolvem tomada de decisão, percepção de risco e gestão financeira.

Tabela 18: Acesso a educação financeira (jovens x adultos)

Questão base	Jovens até 29 anos		Adultos 30+	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	66	78,57%	12	75%
Não	18	21,43%	4	25%
Total	84	100%	16	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Em relação à tabela 18, apresenta uma comparação direta entre jovens de até 29 anos e adultos de 30 anos ou mais quanto ao acesso à educação financeira. Mesmo que a amostra de adultos seja proporcionalmente menor em relação ao grupo mais jovem, no qual, consta apenas 16 participantes, diante de 84 jovens, essa observação prévia contribui para identificar possíveis diferenças na formação associada entre as faixas etárias, alinhando-se ao propósito exploratório desta etapa da pesquisa.

Entre os jovens, observa-se que 78,57% afirmaram ter tido algum tipo de contato com educação financeira, enquanto 21,43% declararam não ter recebido esse tipo de orientação. Em comparação, no grupo dos adultos, a proporção é semelhante, visto que, 75% relataram ter tido acesso, ao passo que 25% indicaram não possuir experiência prévia nesse campo. Essa proximidade percentual entre os dois grupos indica que, apesar da diferença de idade e do maior tempo de exposição potencial a conteúdos financeiros por parte dos adultos, o acesso à educação financeira não se apresenta como um fator significativamente distinto entre as faixas etárias analisadas.

Considerando o caráter exploratório dessa comparação, os resultados sugerem que o acesso à educação financeira tem se distribuído de forma relativamente semelhante entre jovens e adultos. Além disso, essa semelhança nas frequências pode indicar que o crescimento recente da temática no ambiente educacional, no mercado e nas mídias digitais tem atingido diferentes gerações de maneira quase que absoluta. Ainda assim, é importante destacar que a reduzida representatividade do grupo de adultos limita argumentos conclusivos, funcionando mais como um ponto inicial para compreender possíveis diferenças que poderão ser aprofundadas em estudos futuros.

No contexto geral da pesquisa, esse resultado se vincula com a análise comportamental a seguir, visto que, uma vez que o simples acesso à educação financeira não implica,

necessariamente, maior resistência aos vieses cognitivos estudados, como aversão à perda ou excesso de confiança.

Tabela 19: Ações comportamentais diante da gestão financeira (jovens x adultos)

Questões base	Jovens até 29 anos		Adultos 30+	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Ao receber seu salário ou renda, você paga as despesas fixas e percebe que resta uma quantia limitada. O que você faz?				
Guardo parte do valor para eventuais imprevistos, priorizando segurança financeira.	50	59,52%	10	62,50%
Utilizo parte do valor para adquirir algo que está em destaque ou sendo muito procurado no momento.	4	4,76%	0	0,00%
Confio que saberei equilibrar meus gastos ao longo do mês, mesmo sem reservar uma quantia específica.	15	17,86%	3	18,75%
Mantenho o mesmo padrão de gastos dos meses anteriores, usando-o como referência.	15	17,86%	3	18,75%
Total	84	100%	16	100%
Você define como meta economizar uma quantia mensal para realizar uma viagem ao final do semestre. Após algumas semanas, surgem despesas imprevistas. Como procede?				
Reduzo outras despesas para manter o plano e não perder o que já economizei.	25	29,76%	5	31,25%
Adio o plano, avaliando que muitas pessoas também enfrentam dificuldades para poupar.	21	25,00%	7	43,75%
Mantenho a meta original, acreditando que conseguirei recuperar o valor nos próximos meses.	12	14,29%	2	12,50%
Recalculo o objetivo, baseando-me na quantia que já consegui guardar até o momento.	26	30,95%	2	12,50%
Total	84	100%	16	100%
Você nota que tem gasto mais do que o planejado com lazer e alimentação. Como age?				
Reduzo os gastos para evitar desequilíbrio financeiro.	56	66,67%	9	56,25%
Mantenho o mesmo padrão, observando que é comum esse comportamento entre outros jovens.	2	2,38%	0	0,00%

Confio que conseguirei compensar os gastos no próximo mês.	11	13,09%	1	6,25%
Faço apenas ajustes pequenos para manter o orçamento dentro do padrão que considero habitual.	15	17,86%	6	37,50%
Total		84 100%	16	100%
Você decide poupar para iniciar um curso de especialização no próximo semestre. Após dois meses, percebe que conseguiu guardar menos do que esperava. O que faz?	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Corto gastos supérfluos para garantir o cumprimento da meta.	39	46,43%	8	50,00%
Ajusto o objetivo ao perceber que as condições estão mais difíceis de manter.	16	19,05%	1	6,25%
Mantenho a meta original, acreditando que conseguirei compensar o valor nos meses seguintes.	9	10,71%	1	6,25%
Replanejo a meta tomando como base o valor que já consegui acumular.	20	23,81%	6	37,50%
Total		84 100%	16	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

De acordo com análises referente à tabela 19, é correto afirmar que apresenta um conjunto de situações hipotéticas relacionadas à gestão financeira cotidiana, permitindo observar como jovens de até 29 anos e adultos de 30 anos ou mais tendem a reagir diante de imprevistos, limitações orçamentárias ou metas pessoais de economia. Novamente, é válido destacar que o número de adultos é significativamente menor, com apenas 16 respondentes em relação aos 84 jovens, porém, mesmo com essa diferença entre amostras, essa comparação exploratória oferece indícios importantes sobre possíveis diferenças comportamentais entre as faixas etárias.

Assim, em relação ao primeiro questionamento, que diz respeito à reação do indivíduo ao perceber que após pagamento de suas despesas ainda fica um saldo positivo, mesmo que limitado, os resultados revelam que entre os jovens, 59,52% afirmam priorizar segurança financeira ao reservar parte do valor para imprevistos. Assim como os jovens, é observado entre os adultos 62,50% da escolha pela alternativa que indica segurança das suas finanças, no qual, retrata percentual semelhante em relação ao outro grupo analisado, sugerindo que, mesmo com maior experiência de vida, o comportamento preventivo não se distingue substancialmente entre as amostras. Com relação às demais alternativas, como utilizar o valor

para consumo imediato ou manter o mesmo padrão de gastos, também apresentam proporções próximas, reforçando que além das características de aversão à perda, outros vieses predominam entre os grupos independentemente da idade, no qual, ousadia e referências passadas são vistos entre ambos quanto à gestão de suas finanças.

Diante de uma situação que envolva guardar capital em prol de realizar uma viagem, porém, surgem imprevistos que adiam o plano, os principais resultados foram que os jovens preferem seguir as características que envolva a heurística de ancoragem, no qual 30,95% dos participantes de até 29 anos optaram pela alternativa que retrata o recálculo do objetivo. Já os adultos questionados, optaram em seguir a linha de ideia característica do efeito manada, que diz respeito ao raciocínio que muitas pessoas passam por essa dificuldade de poupar e, assim, adiam o plano. Assim, em relação à este questionamento, os jovens mostraram-se mais flexíveis, mesmo que, também cautelosos, visto que, recalculam o plano para que o mesmo siga adiante, porém sem perder o foco no que guardou até o momento, enquanto os adultos prezam pelo adiamento do plano devido a capacidade atual de enfrentamento da poupança, que pode estar associada ao baixo salário, má gestão e entre outros fatores, e com isso, demonstram falta de atitude comportamental resiliente que devido a maturidade dos mesmos, tal característica não seria tão comum.

Ainda assim, neste segundo questionamento, às características de aversão à perda possuem alta escolha, visto que, entre os jovens 29,76% optaram pela alternativa que retrata ações de pessoas aversa à perda, e entre os adultos essa alternativa alcançou 31,25% das preferências de escolha.

Quanto à questão que levanta a terceira discussão, que retrata o gasto descontrolado com lazer e alimentação não essencial, os resultados foram mais que a metade em relação às características da aversão à perda, no qual, a maioria dos jovens, cerca de 66,67%, e dos adultos, cerca de 56,25%, afirmam reduzir despesas para restabelecer o equilíbrio financeiro. Essa predominância reforça uma tendência ao comportamento racional diante do risco de desequilíbrio orçamentário. Outra curiosidade, é que entre os adultos, observa-se maior frequência na alternativa que envolve ajustes pequenos para manter o orçamento próximo do habitual, em que, cerca de 37,50% escolheram tal alternativa que retrata heurística de ancoragem, contra apenas 17,86% dos jovens, sugerindo que a experiência acumulada pode levar a ajustes graduais, em vez de medidas drásticas. Assim, é perceptível que independentemente da idade, quanto ao gasto em excesso com despesas como lazer e alimentação não essencial, tanto jovens quanto adultos optaram mais pela segurança e

precaução, porém com os adultos 30+ sendo ainda mais cautelosos, visto que, não prezam tanto pela ideia de ajustes radicais, mas sim, pontuais em prol do equilíbrio financeiro.

Em relação à quarta situação hipotética levantada, é correto afirmar que 46,43% dos jovens optam por cortar gastos supérfluos para garantir o cumprimento da meta. Já entre os adultos, esse percentual sobe para 50%, reforçando a tendência conservadora de priorizar obrigações consideradas importantes. Ao mesmo tempo, 37,50% dos adultos preferem replanejar a meta com base no valor já acumulado, percentual que supera o observado entre os jovens, que obtiveram cerca de 23,81% das escolhas. Essa diferença pode indicar que os adultos apresentam maior capacidade de reavaliação e ajuste das expectativas, comportamento frequentemente associado à maturidade e ao conhecimento de suas limitações financeiras. Porém, também indicam que os jovens são mais flexíveis em relação a esse questionamento, no qual, alternativas com características do efeito manada e excesso de confiança, respectivamente, alcançaram cerca de 19,05% e 10,71% das escolhas demonstrando que os jovens são capazes de várias tomadas de decisões, incluindo aquelas que sejam opostas à cautela e gestão de riscos.

De modo geral, é perceptível que tanto os jovens quanto os adultos em relação à situações que envolvem a gestão financeira, são mais tendenciosos à seguirem características mais de aversão à perda e heurística de ancoragem do que efeito manada e excesso de confiança, no qual, características de serem mais propensos à segurança e gestão de riscos, bem como, a apegar-se a situações ou atuações passadas são essenciais no gerenciamento das finanças pessoais de ambos os polos. Porém, ainda que semelhantes, é nítido que os jovens conseguem ser mais rígidos e flexíveis quanto às suas decisões, no qual, são capazes de realizar medidas mais rígidas, como cortes intensos ou manutenção firme das metas em prol do alcance da eficiência do seu caixa, enquanto os adultos são mais conservadores, visto que, a experiência conta ao seu favor, e assim, os tornam mais propensos ao ajuste de metas e padrões de gastos de forma mais gradual, visando equilíbrio financeiro.

Tabela 20: Ações comportamentais diante do mercado de capitais (jovens x adultos)

Questão base	Jovens até 29 anos		Adultos 30+	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Você descobre que um novo tipo de investimento tem apresentado bons resultados entre terceiros, mas ainda não conhece o produto. O que você faz?				
Prefiro não aplicar, para evitar possíveis perdas.	47	55,92%	10	62,50%

Invisto também, considerando as experiências relatadas por outros investidores.	7	8,33%	0	0,00%	
Invisto acreditando que conseguirei escolher o momento certo de entrada e saída.	4	4,76%	0	0,00%	
Só investiria se o valor inicial fosse compatível com o montante que costumo aplicar.	26	30,95%	6	37,50%	
Total		84	100%	16	
Um investimento que você possui apresenta uma queda de rendimento significativa em pouco tempo. Qual seria sua reação mais provável?		Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Retiro o investimento para evitar perdas maiores.	41	48,81%	9	56,25%	
Tomo minha decisão com base nas análises e comentários de terceiros.	12	14,29%	0	0,00%	
Mantenho o investimento, acreditando que o mercado tende a se recuperar.	12	14,29%	4	25,00%	
Decido agir apenas quando o valor retornar a um patamar que considero satisfatório.	19	22,62%	3	18,75%	
Total		84	100%	16	
Você recorda uma decisão passada que resultou em perda financeira. Diante de uma nova oportunidade semelhante, você:		Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Evita agir da mesma forma, para não repetir o erro.	70	83,33%	14	87,50%	
Observa o comportamento de pessoas próximas antes de decidir, acreditando que suas experiências podem orientar melhor a sua.	8	9,52%	1	6,25%	
Age novamente, acreditando que, desta vez, o resultado será positivo.	2	2,38%	0	0,00%	
Decide apenas se o valor envolvido for semelhante ao da experiência anterior, usando-o como referência.	4	4,76%	1	6,25%	
Total		84	100%	16	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A tabela 20, assim como, as tabelas 18 e 19 anteriormente analisadas, também retratam um comparativo entre jovens e adultos (30+), o qual, diferencia-se das demais em

relação ao elemento comparado, que neste caso, são às ações comportamentais dos jovens e adultos frente o mercado de capitais e suas oportunidades de investimento.

Mediante isso, em relação à primeira questão que retrata a opção de investimento em um produto financeiro desconhecido pelo indivíduo, porém, citado entre terceiros, os resultados apresentados foram que entre os jovens, cerca de 55,92% dos respondentes, afirmam preferir não aplicar para evitar possíveis perdas, enquanto entre os adultos essa proporção é ainda maior, no qual, cerca de 62,50% dos respondentes, optaram pela opção característica de aversão à perda. Esse resultado sugere que o comportamento conservador está presente em ambos os grupos e pode estar associado tanto à aversão à perda quanto à desconfiança natural diante de produtos financeiros pouco familiares. Outra característica desta questão, é que tanto jovens quanto os adultos também optaram pela alternativa que diz respeito à heurística de ancoragem, em que, respectivamente, alcançaram 30,95% e 37,50% das respostas, retratando que ambos os grupos colocariam algum valor de aporte neste investimento, porém, desde que o mesmo não fosse diferente dos valores já aplicados, assim, é perceptível que mesmo com características conservadoras, tanto jovens quanto adultos 30+ tendem a correr certos riscos, desde que, não corrompam o caixa com valores fora do habitual, demonstrando ainda hesitação mínima diante do desconhecido.

Diante da segunda hipótese analisada, é perceptível que há um equilíbrio maior das escolhas dos respondentes relacionado à questão anterior, no qual, em relação aos jovens, ainda é possível dar destaque às alternativas que possuem características de aversão à perda e heurística de ancoragem, ambos com respectivamente, 48,81% e 28,62% das escolhas, porém, é nítido que o efeito demanda e o excesso de confiança aparecem nas escolhas dos respondentes mais novos com considerável percentual. Já diante das escolhas do mais velhos, é perceptível um foco em aversão à perda e excesso de confiança, no qual, respectivamente tem-se cerca de 56,25% e 25% das escolhas, além de 18,75% que preferiram a alternativa da característica da heurística da ancoragem. Assim, ocorre que nesta situação, de investimento em queda significativa em determinado tempo x, por parte dos jovens, define a retirada imediata dos investimentos como maior escolha, seguido de confiança que o valor voltará ao preço original, para assim, poder retirar o aporte. Ademais, também é possível verificar outras formas de agir por parte dos jovens, marcado pela incerteza e, assim, confiança em ações de terceiros, bem como, agir confiando em suas próprias convicções, ou seja, agem como conservadores mas possuem ousadia para arriscar em certos momentos. Já os adultos, neste quesito são mais impulsivos em definir a retirada dos investimentos de forma imediata, no qual, diferente dos jovens que foram mais conservadores, porém flexíveis nesta questão, os

adultos são mais conservadores porém autoconfiantes, visto que, o quesito experiência os fazem raciocinar antes de qualquer tomada de decisão.

Finalizando, a última hipótese analisada, que diz respeito à uma nova oportunidade de investimento semelhante ao aporte que trouxe prejuízo anteriormente, apresentou resultados quase que absolutos em relação à tomada de decisão de jovens e adultos, no qual, em ambos os grupos, mais de 80% dos votos foram relacionados à alternativas interligadas as características que retratam o viés de aversão à perda. Ou seja, tanto os mais novos quanto os mais experientes, apresentaram ações que condizem com pessoas conservadoras, em que, diante de uma situação que envolve investimentos semelhantes ao que já os trouxe prejuízo, os mesmos preferem não agir da mesma forma, podendo estudar mais o investimento, aportar valores menores ou até não aportar, visto que, o prejuízo além de não ser benéfico, ainda poderá resultar em desequilíbrio financeiro para aqueles que não reservam valores para emergências.

Em relação aos investimentos, é perceptível que há uma diversificação em relação aos comportamentos tanto de jovens quanto de adultos frente ao mercado de capitais, porém, independente da categoria, ambos os lados são mais tendenciosos à aversão à perda, visto que, a característica mais conservadora é comum diante deste tipo de mercado, independente da experiência associada à idade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito analisar de que forma a educação financeira e os aspectos comportamentais influenciam os hábitos financeiros e a tomada de decisão de jovens no gerenciamento de suas finanças pessoais e investimentos. A partir desse objetivo geral e, somado aos objetivos específicos, buscou-se responder à questão que norteou toda a pesquisa: como a educação financeira e os aspectos comportamentais influenciam a conduta financeira e a tomada de decisão de jovens na gestão de suas finanças pessoais e investimentos?

Os resultados evidenciaram que a educação financeira exerce papel relevante na formação da maturidade econômica dos jovens, ampliando sua capacidade de reconhecer riscos, identificar oportunidades e organizar receitas e despesas de forma mais consciente. Embora 78% dos participantes tenham relatado algum tipo de contato com educação financeira, os dados revelam que esse aprendizado ainda ocorre de maneira fragmentada, no qual, muitos jovens compreendem conceitos básicos, mas não possuem segurança suficiente para aplicá-los com consistência na gestão cotidiana de suas finanças. Essa descoberta indica uma lacuna entre o acesso ao conteúdo e a qualidade da aprendizagem, refletida nas dificuldades identificadas mediante a análise da tabela 9.

Quanto aos aspectos comportamentais, a pesquisa mostrou que os jovens se inclinam majoritariamente para atitudes cautelosas e avessas ao risco, o que ficou evidente nas escolhas das alternativas de cunho mais conservador ao longo do questionário. Tal postura reforça a influência dos vieses comportamentais, especialmente a aversão à perda, na forma como percebem e administram seu dinheiro. Mesmo entre aqueles que já tiveram contato com educação financeira, tais vieses continuam atuando como filtros que moldam decisões, principalmente em situações de incerteza.

A análise conjunta desses elementos permitiu compreender que a educação financeira, isoladamente, não é suficiente para eliminar comportamentos enviesados, mas contribui diretamente para que o jovem compreenda, reconheça e consiga moderar suas próprias tendências comportamentais. Isso significa que, embora aprender sobre finanças não “desative” vieses cognitivos, fortalece a capacidade de interpretar cenários, planejar ações e tomar decisões mais racionais e alinhadas ao longo prazo, ampliando autonomia e assertividade.

Dessa forma, considera-se que o objetivo geral e todos os objetivos específicos foram alcançados. A pesquisa investigou o perfil sociodemográfico dos jovens, analisou sua relação com a educação financeira, identificou padrões de conduta influenciados pelas finanças

comportamentais e evidenciou como ambos os fatores, tanto conhecimento quanto comportamento, interagem na gestão financeira cotidiana. Assim, os dados levantados e à literatura utilizada convergiram para a compreensão de que a formação financeira, aliada ao entendimento dos próprios comportamentos, é determinante para escolhas mais eficazes e sustentáveis ao longo do tempo.

Contudo, o estudo apresentou uma limitação importante, em que, destaca-se a baixa participação de adultos (30+). Embora o objetivo central fosse analisar o público jovem, a pequena representatividade do grupo mais velho reduziu a profundidade do comparativo entre faixas etárias. Mesmo assim, foi possível identificar diferenças relevantes, no qual, os jovens demonstraram maior flexibilidade em situações específicas, porém, sem deixar de lado majoritariamente características de aversão à perda, enquanto adultos, possivelmente pela experiência de vida, mostraram comportamento mais conservador e estável. Ainda assim, investigações futuras poderão ampliar essa comparação, garantindo um equilíbrio maior entre os grupos. Com isso, para estudos posteriores, é necessário uma amostra maior de adultos (30+), visto que, uma proporção aumentada dessa amostragem resulta em uma análise mais apurada ao invés de superficial, e, mediante tal aprofundamento, é possível detalhar as diferenças entre o comportamento jovem e adulto jovem com mais precisão.

No contexto geral, conclui-se que a educação financeira e os aspectos comportamentais influenciam de maneira direta e significativa a conduta financeira e a tomada de decisão dos jovens. A interação entre conhecimento técnico e autocompreensão comportamental torna o indivíduo preparado para lidar com desafios cotidianos, reduzindo decisões impulsivas e favorecendo escolhas pautadas na racionalidade. Assim, o jovem que comprehende tanto os conceitos quanto o funcionamento de seus próprios vieses se torna mais capaz de gerenciar, planejar e investir de forma assertiva, construindo hábitos financeiros sólidos e alinhados ao futuro que deseja.

Estes resultados oferecem um conhecimento relevante que servem de fonte de informação e aprofundamento da temática para o desenvolvimento de novos estudos voltados para educação financeira e finanças comportamentais, visto que, evidencia como o conhecimento técnico e os vieses cognitivos influenciam as decisões financeiras dos jovens. Ao integrar conceitos teóricos e os resultados da pesquisa, o estudo contribui para a ampliação do debate acadêmico acerca de uma formação voltada para finanças que vai além do desenvolver teórico, no qual, incorpora a compreensão do comportamento humano no processo decisório, e assim, oferecem subsídios para pesquisadores, educadores e outras partes interessadas no desenvolvimento de estratégias mais eficazes de educação financeira.

REFERÊNCIAS

ALVA, A.F.F. **Finanças comportamentais: análise no mercado financeiro brasileiro pela ótica da teoria da perspectiva.** TCC. Graduação. Ciências Econômicas. UFRJ. Rio de Janeiro. 2020. Online. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/14302/1/AFFAlva.pdf>. Acesso em: 28 set. 2025.

ANACHE, M.C.A; LAURENCEL, L.C. **Finanças comportamentais: uma avaliação crítica da moderna teoria das finanças.** Revista Cade. [s.l]. v. 12. n. 1. p. 83-120. 2013. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cade/article/view/6331/4484>. Acesso em: 23 set. 2025.

ANBIMA. **Educação financeira: um retrato das iniciativas no Brasil. Relatório ANBIMA - mapa de iniciativas de educação financeira.** Site ANBIMA. 2024-2025. Disponível em: https://www.anbima.com.br/data/files/9B/54/F2/61/48B5791010999579B82BA2A8/relatorio_ANBIMA_mapa_iniciativas_educacao_financeira.pdf. Acesso em: 14 set. 2025.

ANBIMA. **Raio X do investidor brasileiro 8ª edição.** Site ANBIMA. 2025. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-brasileiro.htm. Acesso em: 11 set. 2025.

ANTAR, G.M.S. **O impacto das finanças comportamentais nas decisões financeiras de investidores.** Monografia. Graduação. Ciências Econômicas. INSPER. São Paulo. Online. Disponível em: <https://repositorio-api.insper.edu.br/server/api/core/bitstreams/0040b58d-7caa-4981-8853-9467144886f4/content>. Acesso em: 28 set. 2025.

ANTONELLI, J.H.F; FROES, W.S. **Educação financeira e investimentos.** TCC. Curso Técnico. Ciências Contábeis. ETEC Tenente Aviador Gustavo Klug. Pirassununga. São Paulo. 2024. Online. Disponível em: https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/30119/1/contabilidade_2024_2_joao Henrique_de_freitas_antonelli_educacao_financeira_e_investimentos.pdf. Acesso em: 11 out. 2025.

BACEN. **Cidadania financeira.** Site do Banco Central do Brasil. 2025. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira>. Acesso em: 14 set. 2025.

BACEN. **Relatório da OCDE avalia letramento financeiro entre adolescentes de 20 economias mundiais.** Site Aprender Valor. set. 2024. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/site/aprendervalor/NoticiaAprenderValor/100/noticia>. Acesso em: 11 set. 2025.

BARROS, T.S; FELIPE, I.J.S. **Teoria do prospecto: evidências aplicadas em finanças comportamentais.** R.Adm. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil. v. 14. n. 4. p. 75-95. out/dez. 2015. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/facesp/article/view/2934>. Acesso em: 23 set. 2025.

BEZERRA, J.A; MORAIS, H.A.R. **Educação financeira: um estudo de caso com jovens do ensino médio da escola José Matias Sampaio.** Revista Ibero - Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo. Brasil. v.10. n.07. p. 563-576. jul. 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14806/7614>. Acesso em: 11 set. 2025.

BRAGA, J.N; GARCIA-MARQUES, L; FERREIRA, M.B. **Cognição social fora do laboratório não é peixe fora de água: o caso do efeito de ancoragem.** Psicologia. Lisboa. v. 25. n. 2. p. 141-166. 2012. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/psi/v26n2/v26n2a06.pdf>. Acesso em: 28 set. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 10.393, de 09 de junho de 2020.** Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira - FBEF. Diário Oficial da União. Brasília. Distrito Federal. 09 jun. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10393.htm. Acesso em: 17 set. 2025.

BUSSAB, W.O; MORETTIN, P.A. **Estatística básica.** 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. Disponível em: <https://archive.org/details/BUSSABEMORETTINEstatisticaBBsica6aEdidio1/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 03 nov. 2025.

CANTARINO BRASILEIRO. **Jovens reduzem uso da poupança e ampliam diversificação, diz ANBIMA.** Site Cantarino Brasileiro. 2025. Disponível em: <https://cantarinobrasileiro.com.br/jovens-reduzem-uso-da-poupanca-e-ampliam-diversificacao-diz-anbima/#:~:text=A%20prefer%C3%A7%C3%A3o%20por%20canais%20digitais,os%20podcasts%20seguem%20em%20alta>. Acesso em: 11 set. 2025.

CRUZ, K.K; PRADO, J.W; CARVALHO, F.M. **O estado da arte em finanças comportamentais: um estudo bibliométrico.** Revista de Gestão e Secretariado. São Paulo.

Brasil. v. 14. n. 5. p. 7480-7500. 2023. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/2133/1117>. Acesso em: 26 set. 2025.

DANTAS, L.A.O. *et al.* **O perfil do cidadão brasileiro versus o seu comportamento financeiro.** Revista Contemporânea. São Paulo. Brasil. v. 3. n. 11. 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/2161/1519>. Acesso em: 14 set. 2025.

EG.V. **Escola Virtual do Governo - uma iniciativa ENAP.** Site da Escola Virtual do Governo. 2025. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=29aca8e97b82f687c08b78c99eee55efbc7d8ea72ffdb70f3804f1df590a13dbJmltdHM9MTc1OTg4MTYwMA&ptn=3&ver=2&hsh=4&fclid=3608a37a-736f-6ac2-2180-b17572f96b03&psq=Escola+Virtual+do+Governo+O+que+%c3%a9%3f&u=1aHR0cHM6Ly93d3cuZXNjb2xhdmlydHVhbC5nb3YuYnIv>. Acesso em: 17 set. 2025.

FAES, B.H.C. *et al.* **Análise a partir das teorias do prospecto e da utilidade esperada com acadêmicos de duas instituições de ensino superior do Alto Vale do Itajaí-SC.** Brazilian Journal of Development. Curitiba. Brasil. v. 4. n. 4. p. 1319-1342. jul/set. 2018. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/180/150>. Acesso em: 28 set. 2025.

FAVERI, D.B; KNUPP, P.S. **Finanças comportamentais: relação entre traços de personalidade e vieses comportamentais.** Revista Base. v. 15. n. 1. p. 18-36. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3372/337258164003/337258164003.pdf>. Acesso em: 26 set. 2025.

FERREIRA, J.C. **A importância da educação financeira pessoal para a qualidade de vida.** Caderno de Administração. Bauru. São Paulo. Brasil. v. 1. p. 01-17. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/caadm/article/view/33268/25017>. Acesso em: 11 set. 2025.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 03 nov. 2025.

GOV.BR. **Semana Nacional de Educação Financeira.** Site do GOV.BR. 14 fev. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/semanaenef/pt-br/sobre/a-semana>. Acesso em: 17 set. 2025.

HALFELD, Mauro; TORRES, F.F.L. **Finanças comportamentais: aplicações no contexto brasileiro.** RAE - Revista de Administração de Empresas. São Paulo. Brasil. v. 41. n. 2. p. 64-71. abr/jul. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/NVz5sP8xXVj94PhSWrndHTj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2025.

HERRERA, Sílvia Thaís. **Uma análise compreensiva do mercado financeiro, das finanças comportamentais e da tecnologia dos investimentos.** TCC. Graduação. Relações Internacionais. UNESP. Marília. São Paulo. 2022. Online. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/b8cc9e34-7dca-404a-866e-c0b96fcc3d1f/content>. Acesso em: 26 set. 2025.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar:** duas formas de pensar. Tradução: Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Disponível em: <https://archive.org/details/RapidoEDevagarDuasFormasDePensar/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 14 set. 2025.

LAZO, J.G.L. *et al.* **Sistema híbrido para tomada de decisão em investimentos no mercado de criptomoedas.** Brazilian Journal of Development. Curitiba. v. 7. n. 2. p. 19577-19593. jan. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25249/20192>. Acesso em: 11 out. 2025.

LIZ, Bárbara. **EV.G: a escola virtual do governo que você tem direito e não sabia!** EAD.COM.BR. 27 fev. 2024. Disponível em: <https://www.ead.com.br/blog/evg-a-escola-virtual-do-governo-que-voce-tem-direito-e-nao-sabia>. Acesso em: 08 out. 2025.

LOBÃO, Júlio. **Finanças comportamentais:** quando a economia encontra a psicologia. São Paulo: Actual, 2012. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=rwgRAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=Finan%C3%A7as+Comportamentais&ots=vc6pINQrG&sig=LZBxLuDBh_nZc0WAc_dq_AMJskM&redir_esc=y#v=onepage&q=Finan%C3%A7as%20Comportamentais&f=true. Acesso em: 14 set. 2025.

MACEDO JUNIOR, Jurandir Sell. **A árvore do dinheiro: guia para cultivar sua independência financeira.** 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

MAEHLER, Rafael; KASMIN, Marco Aurelio. **Finanças pessoais e educação financeira entre universitários: perfil dos graduandos da UNIOESTE - Francisco Beltrão.** Faz Ciência. Paraná. Brasil. v. 26. n.43. p. 141-162. jan/jun. 2024. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/31456/23519>. Acesso em: 11 set. 2025.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: https://ia800709.us.archive.org/26/items/Fundamentos_de_metodologia_cientifica_8._ed._-www.meulivro.biz/Fundamentos_de_metodologia_cientifica_8._ed._-www.meulivro.biz.pdf. Acesso em: 03 nov. 2025.

MARQUES, N.S. *et al.* **Conhecimento financeiro em estudantes de graduação: impactos no comportamento financeiro e implicações para a educação superior.** Administração: Ensino e Pesquisa. Rio de Janeiro. Brasil. v. 24. n. 3. p. 141-168. set/dez. 2023. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/2430/582>. Acesso em: 11 set. 2025.

MELO, C.L.L; SILVA, C.A.T. **Finanças comportamentais: um estudo da influência da faixa etária, gênero e ocupação na aversão à perda.** RCO - Revista de Contabilidade e Organizações. São Paulo. Brasil. v. 4. n. 8. p. 03-23. jan/abr. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/d94cf5b0-4ce6-487b-9b12-9587feab2d02/content>. Acesso em: 03 out. 2025.

MENDES, Ijosiel. *et al.* **Educação financeira e o desenvolvimento de hábitos de investimento: desinformação entre jovens brasileiros sobre criptomoedas e investimentos digitais.** Revista Ibero - Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo. v. 11. n. 1. p. 257-270. jan. 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/17764/10157>. Acesso em: 11 out. 2025.

NUNES, E.M.A; MONTEIRO, V.B. **Conhecimento financeiro dos jovens de ensino médio em uma escola militar de João Pessoa-PB.** Cuadernos de Educación y Desarrollo. Portugal. v.17. n.7. p. 01-19. 2025. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/8805/6032>. Acesso em: 11 set. 2025.

OLIVEIRA, J.H. **Finanças pessoais - análise dos perfis de investidores e os investimentos mais adequados no mercado financeiro.** Monografia. Graduação. Ciências Contábeis. UCS. Caxias do Sul. Rio Grande do Sul. 2019. Online. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5069/TCC%20Jess%c3%a9a%20Holla%20de%20Oliveira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 out. 2025.

OLIVEIRA, J.P.S. **Finanças comportamentais: inteligência emocional e financeira.** TCC. Graduação. Administração. IFPB. João Pessoa. Paraíba. 2024. Online. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/3964>. Acesso em: 26 set. 2025.

OLIVEIRA, M. F. **Planejamento financeiro pessoal: um levantamento com estudantes dos cursos de administração, ciências contábeis e ciências econômicas FACE/UFGD.** TCC. Graduação. Ciências Contábeis. FACE/UFGD. Dourado. Mato Grosso do Sul. 2014. Online. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/3530/1/MatheusdeFreitasOliveira.pdf>. Acesso em: 03 out. 2025.

OLIVEIRA, R.S; KRAUTER, E. **Teoria do prospecto: como as finanças comportamentais podem explicar a tomada de decisão.** Revista Pretexo. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil. v. 16. n. 3. p. 106-121. jul/set. 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5198862>. Acesso em: 23 set. 2025.

PICOLI, R.F. **Avaliação da carteira de projetos: Teoria Moderna de Portfólio, Teoria da Utilidade Esperada e Método de Monte Carlo aplicados na proposição de uma sistemática.** Dissertação. Pós-graduação. Administração. UFRGS. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. 2016. Online. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150497/001009310.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 set. 2025.

RODRIGUES, André; FREITAS, C.R; FREITAS, C.L. **Educação financeira para jovens e adultos: um estudo sobre conhecimento, endividamento e impacto psicossocial.** Revista de Gestão e Secretariado. São José de Piranhas. Paraná. Brasil. v.15. n.10. p. 01-20. 2024. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4353/2792>. Acesso em: 11 set. 2025.

SAMPAIO, N.A.S; ASSUMPÇÃO, A.R.P; FONSECA, B.B. **Estatística descritiva.** 1. ed. Belo Horizonte: Poison, 2018. Disponível em: https://livros.poisson.com.br/estatistica/volume1/Estatistica_Descritiva.pdf. Acesso em: 03 nov. 2025.

SANTOS, Cíntia Senna. **Terapia financeira: atividade da educação financeira.** Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar. [s.l]. v. 2. n. 10. 2021. Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/900/747>. Acesso em: 14 set. 2025.

SANTOS, Djeane Matoso. **A contabilidade como ferramenta para controle do orçamento doméstico.** TCC. Graduação. Ciências Contábeis. Pitágoras. Paragominas. Pará. 2020.

Online. Disponível em:

https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/48273/1/Djeane_Matoso_dos_Santos.pdf. Acesso em: 14 set. 2025.

SCHEIN, Z.P; BENTO, J.P.P. **A educação financeira e o planejamento financeiro na visão de jovens de 17 e 18 anos de idade.** Redin. Taquara. Rio Grande do Sul. Brasil. v.13. n.2. p.160-179. 2024. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/3321>. Acesso em: 11 set. 2025.

SCHIMITH, C.D. *et al.* **Modelo de planejamento financeiro integrado ao planejamento estratégico pessoal.** Revista Gestão e Conhecimento. [s.l]. v. 8. n. 2. p. 26-40. jul/dez. 2014. Disponível em: <https://ojs.revistagc.com.br/ojs/index.php/rgc/article/view/68/72>. Acesso em: 03 out. 2025.

SILVA, A.L.P. *et al.* **Finanças pessoais: análise do nível de educação financeira de jovens estudantes do IFPB.** Revista Principia. João Pessoa. Paraíba. Brasil. v. 1. n. 41. p. 215-224. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/2174/885>. Acesso em: 11 set. 2025.

SILVA, C.S. **Duas décadas de pesquisa em finanças comportamentais: um estudo bibliométrico.** TCC. Graduação. Ciências Contábeis. UnB. Brasília. Distrito Federal. 2023. Online. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/38281/1/2023_CaioSouzaDaSilva_tcc.pdf. Acesso em: 28 set. 2025.

SILVA, G.O. *et al.* **Alfabetização financeira versus educação financeira: um estudo do comportamento de variáveis socioeconômicas e demográficas.** Gestão, Finanças e Contabilidade. Rio de Janeiro. Brasil. v. 7. n. 3. p. 279-298. set/dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/financ/article/view/3726/2444>. Acesso em: 11 set. 2025.

SILVA, S.D. *et al.* **Inserção social de todas as classes sociais para a educação financeira.** Revista Ibero - Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo. Brasil. v. 11. n. 2. fev. 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18240/10565>. Acesso em: 14 set. 2025.

SOUZA, Ronaldo. **O Preço da Economia da Atenção nas Redes Sociais e o Papel da Inclusão Financeira Digital.** GOV.BR. 03 fev. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/penso-logo-invisto/o-preco-da-economia-da-atencao-nas-redes-sociais-e-o-papel-da-inclusao-financeira-digital>. Acesso em: 08 out. 2025.

TRIGUEIRO, T.F; VIEIRA, A.A. **Planejamento financeiro pessoal: obtendo a independência financeira para a aposentadoria.** Revista Foco. [s.l]. v. 18. n. 9. p. 01-36. 2025. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/9691/6868>. Acesso em: 03 out. 2025.

YOSHINAGA, C.E. *et al.* **Finanças comportamentais: uma introdução.** Revista de Gestão USP. São Paulo. Brasil. v. 15. n. 3. p. 25-35. jul/set. 2008. Disponível em: https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/pesquisa-eaesp-files/arquivos/emiko_-_financas_comportamentais_uma_introducao.pdf. Acesso em: 26 set. 2025.

YOSHINAGA, C.E; RAMALHO, T.B. **Finanças comportamentais no Brasil: uma aplicação da teoria da perspectiva em potenciais investidores.** Revista Brasileira de Gestão de Negócios. São Paulo. Brasil. v. 16. n. 53. p. 594-615. out/dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgn/a/DpWgqKYDSdMdqYM7w9gG9GB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2025.

APÊNDICE - Instrumento de Coleta de Dados (Questionário)

Trabalho de Conclusão de Curso - Educação Financeira e Finanças Comportamentais

Olá, tudo bem? Meu nome é Gabriel Silva, sou discente do curso de Administração, turno matutino, atualmente cursando o 8º período no Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

Este questionário faz parte da pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tem como tema “Educação Financeira e Finanças Comportamentais”.

O objetivo principal desta pesquisa é analisar de que forma a educação financeira e os aspectos comportamentais influenciam os hábitos financeiros e a tomada de decisão de jovens na gestão de suas finanças pessoais e investimentos.

Busco compreender, especificamente, como fatores comportamentais — como aversão à perda, heurística e ancoragem, excesso de confiança e efeito manada — impactam a forma como os jovens administram seu dinheiro, planejam gastos e realizam investimentos.

 As respostas são totalmente anônimas e confidenciais, sendo utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

 Sua participação é voluntária e de extrema importância para o desenvolvimento deste estudo.

Agradeço imensamente pela colaboração e pelo tempo dedicado a responder este questionário!

— Gabriel Silva, discente do curso de Administração – IFPB.

1. Em qual destas faixas etárias você está?

- Até 18 anos
- Entre 19 e 21 anos
- Entre 22 e 24 anos
- Entre 25 e 29 anos
- Acima de 30 anos

2. Qual o gênero que você identifica-se?

- Masculino
- Feminino
- Não binário
- Prefiro não informar
- Outro

3. Qual o seu estado civil atual?

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)
- Separado (a)

4. Qual é o seu nível de escolaridade?

- Nível fundamental
- Ensino médio ou equivalente
- Ensino superior
- Pós-graduação
- Prefiro não informar

5. Qual é a sua renda familiar mensal?

- Até R\$ 1.518
- De R\$ 1.519 a R\$ 3.036
- De R\$ 3.037 a R\$ 4.554
- De R\$ 4.555 a R\$ 6.072
- Acima de R\$ 6.073

6. Qual atividade contribui para a formação de sua renda?

- Estágio ou bolsa
- CLT
- Concursado
- Auxílio governamental
- Outro

Bloco 2 – Conexão: Jovens e Educação Financeira

Este bloco tem como objetivo identificar o nível de contato dos jovens com a educação financeira e o grau de confiança que possuem em relação aos seus próprios conhecimentos sobre o tema.

7. Já teve acesso a conteúdos de educação financeira por meio da escola, cursos ou outras fontes de aprendizado?

- Sim

() Não

8. Onde conseguiu conteúdo/informações acerca de educação financeira?

- Escola/Universidade
- Redes sociais/Internet
- Cursos/Workshops/Eventos
- Matérias publicitárias (jornal, televisão, etc.)
- Nunca obtive informações

9. Com base na escala de 1 a 10, avalie o quanto você se identifica com as afirmações a seguir, sendo 1 “não me identifico” e 10 “me identifico totalmente”.

- I. Tenho interesse em aprender mais sobre educação financeira.
- II. Acredito que a escola deveria abordar mais temas sobre finanças pessoais.
- III. Considero importante que jovens aprendam desde cedo a lidar com o dinheiro.
- IV. Acredito que o meu conhecimento financeiro é suficiente para lidar com a organização das minhas finanças pessoais.
- V. Costumo buscar informações sobre finanças pessoais e investimentos por conta própria, visando aprimorar o meu conhecimento financeiro.
- VI. Acredito que uma base educacional voltada para área financeira me auxiliaria a comportar-me melhor na gestão das minhas finanças.
- VII. Costumo registrar e acompanhar os meus gastos, visando otimizar o meu planejamento financeiro pessoal.
- VIII. Costumo definir metas financeiras de curto, médio e longo prazos.
- IX. Penso nas consequências financeiras antes de tomar uma decisão de consumo.
- X. Frequentemente, gasto mais do que o planejado.

Bloco 3 – Aspectos Comportamentais e Tomada de Decisão Financeira

As questões deste bloco apresentam situações hipotéticas relacionadas ao comportamento financeiro. O respondente deve indicar a alternativa que mais se aproxima de suas atitudes e reações diante de decisões financeiras.

10. Ao receber seu salário ou renda, você paga as despesas fixas e percebe que resta uma quantia limitada. O que você faz?

- a) Guardo parte do valor para eventuais imprevistos, priorizando segurança financeira.
- b) Utilizo parte do valor para adquirir algo que está em destaque ou sendo muito procurado no momento.
- c) Confio que saberei equilibrar meus gastos ao longo do mês, mesmo sem reservar uma quantia específica.
- d) Mantendo o mesmo padrão de gastos dos meses anteriores, usando-o como referência.

11. Você define como meta economizar uma quantia mensal para realizar uma viagem ao final do semestre. Após algumas semanas, surgem despesas imprevistas. Como procede?

- a) Reduzo outras despesas para manter o plano e não perder o que já economizei.
- b) Adio o plano, avaliando que muitas pessoas também enfrentam dificuldades para poupar.

c) Mantendo a meta original, acreditando que conseguirei recuperar o valor nos próximos meses.

d) Recalculo o objetivo, baseando-me na quantia que já consegui guardar até o momento.

12. Você descobre que um novo tipo de investimento tem apresentado bons resultados entre terceiros, mas ainda não conhece o produto. O que você faz?

a) Prefiro não aplicar, para evitar possíveis perdas.

b) Invisto também, considerando as experiências relatadas por outros investidores.

c) Invisto acreditando que conseguirei escolher o momento certo de entrada e saída.

d) Só investiria se o valor inicial fosse compatível com o montante que costumo aplicar.

13. Você nota que tem gastado mais do que o planejado com lazer e alimentação. Como age?

a) Reduzo os gastos para evitar desequilíbrio financeiro.

b) Mantendo o mesmo padrão, observando que é comum esse comportamento entre outros jovens.

c) Confio que conseguirei compensar os gastos no próximo mês.

d) Faço apenas ajustes pequenos para manter o orçamento dentro do padrão que considero habitual.

14. Um investimento que você possui apresenta uma queda de rendimento significativa em pouco tempo. Qual seria sua reação mais provável?

a) Retiro o investimento para evitar perdas maiores.

b) Tomo minha decisão com base nas análises e comentários de terceiros.

c) Mantendo o investimento, acreditando que o mercado tende a se recuperar.

d) Decido agir apenas quando o valor retornar a um patamar que considero satisfatório.

15. Você decide poupar para iniciar um curso de especialização no próximo semestre. Após dois meses, percebe que conseguiu guardar menos do que esperava. O que faz?

a) Corto gastos supérfluos para garantir o cumprimento da meta.

b) Ajusto o objetivo ao perceber que as condições estão mais difíceis de manter.

c) Mantendo a meta original, acreditando que conseguirei compensar o valor nos meses seguintes.

d) Replanejo a meta tomando como base o valor que já consegui acumular.

16. Você recorda uma decisão passada que resultou em perda financeira. Diante de uma nova oportunidade semelhante, você:

a) Evita agir da mesma forma, para não repetir o erro.

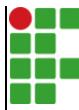
- b) Observa o comportamento de pessoas próximas antes de decidir, acreditando que suas experiências podem orientar melhor a sua.
- c) Age novamente, acreditando que, desta vez, o resultado será positivo.
- d) Decide apenas se o valor envolvido for semelhante ao da experiência anterior, usando-o como referência.

Bloco 4 – Finanças Pessoais e Investimentos - Ação da Educação Financeira e Aspectos Comportamentais

Este bloco busca compreender de que forma a educação financeira e os aspectos comportamentais influenciam as decisões dos jovens em relação às finanças pessoais e aos investimentos.

17. Com base na escala de 1 a 10, avalie o quanto você concorda com as afirmações a seguir, sendo 1 “discordo totalmente” e 10 “concordo totalmente”.

- I. A educação financeira poderia me ajudar a reconhecer quando estou sendo influenciado(a) por emoções, como medo ou euforia, ao lidar com dinheiro.
- II. Com mais conhecimento sobre finanças, eu analisaria melhor promoções e descontos antes de comprar.
- III. Acredito que entender sobre finanças e meu comportamento como consumidor me tornariam mais consciente nas minhas decisões diárias.
- IV. Se eu tivesse mais conhecimento sobre meus próprios vieses comportamentais, administraria melhor meus gastos e investimentos.
- V. Ter mais conhecimento sobre economia e finanças reduziria a influência da impulsividade nas minhas decisões.
- VI. Compreender a relação entre emoções e dinheiro me ajudaria a agir de forma mais racional nas decisões financeiras.
- VII. Entender como as emoções afetam minhas escolhas poderia melhorar meu controle sobre o dinheiro.
- VIII. Identificar meus próprios padrões de comportamento financeiro me ajudaria a evitar erros repetidos.
- IX. Entendo que erros financeiros anteriores podem ensinar lições importantes para o futuro.
- X. Percebo que muitas das minhas decisões financeiras são influenciadas por sentimentos momentâneos.

	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
Campus João Pessoa - Código INEP: 25096850	
Av. Primeiro de Maio, 720, Jaguaribe, CEP 58015-435, João Pessoa (PB)	
CNPJ: 10.783.898/0002-56 - Telefone: (83) 3612.1200	

Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

Entrega de Versão Final TCC

Assunto:	Entrega de Versão Final TCC
Assinado por:	Gabriel Silva
Tipo do Documento:	Anexo
Situação:	Finalizado
Nível de Acesso:	Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência:	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

▪ Gabriel Ryan Araujo Silva, DISCENTE (20221460036) DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO - JOÃO PESSOA, em 03/02/2026 18:45:16.

Este documento foi armazenado no SUAP em 03/02/2026. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1753378

Código de Autenticação: 74d2635a71

